



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO**

DANILO MENDES DE QUEIROZ

**‘ENTRE CRIMES E CASTIGOS’:
A (RE)CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA IDENTIDADE TRAVESTI EM MORTES
NOTICIADAS NOS PORTAIS DE NOTÍCIAS DA PARAÍBA**

JOÃO PESSOA

2021

DANILO MENDES DE QUEIROZ

‘ENTRE CRIMES E CASTIGOS’:

A (RE)CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA IDENTIDADE TRAVESTI EM MORTES
NOTICIADAS NOS PORTAIS DE NOTÍCIAS DA PARAÍBA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo, do Centro de
Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) da
Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Orientadora: Marluce Pereira da Silva

JOÃO PESSOA

2021

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

Q3e Queiroz, Danilo Mendes de.
'Entre crimes e castigos': a (re)construção discursiva da identidade travesti em mortes noticiadas nos portais de notícias da Paraíba / Danilo Mendes de Queiroz. - João Pessoa, 2021.
62 f. : il.

Orientação: Marluce Pereira da SILVA. Monografia
(Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo - TCC. 2. Gênero e Identidade - Jornalismo. 3. Mortes de Travestis - Notícias - Paraíba. 4. Jornalismo - Análise de discurso. I. SILVA, Marluce Pereira da. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 070(043.2)

‘ENTRE CRIMES E CASTIGOS’:

**A (RE)CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA IDENTIDADE TRAVESTI EM MORTES
NOTICIADAS NOS PORTAIS DE NOTÍCIAS DA PARAÍBA**

Este trabalho foi submetido à avaliação da Banca Examinadora composta pelos professores abaixo relacionados, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

Aprovado em 10 de Dezembro de 2021, com média 10,0.

BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Marluce Pereira da Silva (UFPB)
(Orientadora)



Profª. Dra. Glória de Lourdes Freire Rabay (UFPB)
(Examinadora interna)



Prof. Dr. Cid Augusto da Escóssia Rosado (Faculdade Católica do RN)
(Examinador externo)

*Em memória de Sheila, de Doroty e da travesti
que estão lendo este trabalho lá de cima. Foi
preciso que vocês morressem para que outras
pudessem (sobre)viver.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço de todo coração à minha avó, Joana, por me educar humanamente ao viver sempre com um sorriso no rosto e simplicidade, mesmo lidando com diversos traumas. Minha vida pela sua!

Aos meus pais, Cida e Dionísio, por terem abdicado de si mesmos ao longo da vida para que eu pudesse chegar até aqui, como o caçula – de 18 filhos – e o único a ter acesso à uma formação de ensino superior. Não tenho palavras para definir o que se passa aqui dentro do peito. Amo vocês!

A Kleber José, de onde vem todo meu amor, cuidado, apoio emocional constante e, sobretudo, força. Com você, a caminhada se tornou menos dolorosa. Gratidão por me fazer ouvir o pulsar do seu coração: sou feliz porque você vive em mim.

Ao meu irmão Daniel Queiroz, por ter me ajudado em diversas circunstâncias que me inquietaram a desistir. Sua motivação e felicidade em me ver crescer foram fundamentais para que eu me fortalecesse.

À minha professora e orientadora Marluce Pereira, por ter me recebido de braços abertos mesmo em um contexto difícil, com dificuldades de tempo, espaço e organização. Sua empatia e conhecimento refletem a singularidade do ser humano que és. Obrigado por acreditar em mim!

À minha banca de avaliação que, sem dúvidas, emergiu neste trabalho para que eu pudesse avançar, com críticas positivas e olhares sobre a escrita. Gratidão pela troca!

À minha família de prédio, Dona Penha, Eloíse Passos, Iara Alice, Bruno Holanda, Rosângela Holanda e, claro, Maria Alice. Vocês trouxeram luz, entusiasmo, apoio e, sobretudo, felicidade. Agradeço aos espíritos de luz por cruzarem nossos caminhos.

Aos meus queridíssimos amigos e parceiros, Mariana Quaresma, Milena Quaresma e Maurício Quaresma, por me receberem de braços abertos no bairro que hoje resido, se tornando parte de mim.

À Larissa Melo, Jeniffer Santana, Flávia Albuquerque e Catarina Gouveia: infância, adolescência e juventude. Conhecemos de perto as dificuldades uns dos outros. Nunca soltamos as mãos. A vida se encarregou disso. Grato a vocês pela longa caminhada juntos.

Aos meus irmãos não-biológicos, Ana Paula Xavier, Victor Gomes, Kianny Paulinelli, Débora Sibelly, Luana Oliveira, Ivan Cabral e Jadson Luan.

Aos meus parceiros de graduação que se tornaram amigos e colegas de profissão: Marcelo Vieira, Lara Brito, Luana Almeida, Larissa Maia e Maria Ricarte.

À Elaide Martins, Severa Martins, Ewerthon Martins, Esther Martins, Erick Martins e Emelly, por me proporcionarem boas risadas e aconchego quando não tive: gratidão pelo lar.

A todos os profissionais da Rede Paraíba de Comunicação, em especial aos colegas de Imprensa do portal g1 e Jornal da Paraíba, da produção dos telejornais Bom Dia Paraíba, JPB1 e JPB2, bem como da rádio CBN João Pessoa. Vocês fazem parte dessa jornada.

À minha amiga Yasmin Santos, pelas madrugadas em claro que passamos estudando juntos, lendo, discutindo e escrevendo, sempre na expectativa de sermos livres. Hoje somos!

Ao corpo docente do Departamento de Jornalismo e de Comunicação da UFPB, em especial à Margarete Nepomuceno, Sandra Raquew, Fabiana Siqueira, Suelly Maux, Dinarte Varela, Patrícia Monteiro, Pedro Benevides, Edônio Alves, Sandra Moura, Carlos Azevedo, Gloria Rabay, Joana Belarmino.

Ao grupo de pesquisa Observatório do Discurso, por dialogar e compartilhar conhecimentos, que tem como fruto o resultado deste trabalho.

A todos os servidores, diretores e coordenadores do Centro de Comunicação, Turismo e Artes da UFPB: em especial à Amélia que, segundo as palavras dela, “ama servir”. Senti do início do curso ao fim.

Ao eterno presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, por ter possibilitado o avanço de minorias sociais em diversos setores da sociedade. Seu legado segue em nós!

A todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste sonho. Gratidão a cada um de vocês.

Eles dão visibilidade a indigentes, a pessoas pobres, ou simplesmente medíocres, em um estranho teatro na qual assumem poses, impostam a voz, adotam grandiloquências, [nesse teatro] em que molambos são revestidos de roupagens que lhes são necessárias se quiserem que se lhes preste atenção no palco do poder.

(Michel Foucault)

RESUMO

A relação do Jornalismo com a sociedade sempre esteve ligada a nuances de sentido, uma vez que, ao divulgar notícias, cria-se a História do tempo presente. Com os avanços possibilitados pelo surgimento da Internet, também foram ampliadas as questões que permeiam os resultados do processo de noticiabilidade. Neste trabalho, objetivamos problematizar e discutir como notícias jornalísticas, ao narrar discursivamente as mortes de travestis e mulheres trans, produzem efeitos de sentidos que retomam preconceitos históricos e evidenciam o lugar desses sujeitos discursivos constituindo suas identidades. Com essa compreensão, utilizamos concepções da Análise do Discurso de Linha Francesa e teorizações foucaultianas como dispositivos analíticos de produções discursivas que circulam em notícias acerca de mortes de travestis e mulheres trans, pautadas nos portais paraibanos g1, T5 e Correio. O recorte do objeto de análise considera 3 casos para as problematizações de pesquisa: Sheila, Doroty e uma travesti que sequer foi identificada, mortas no ano de 2020. Discutimos, portanto, como as informações elencadas nas notícias produzem efeitos de sentido que revelam estigmas e preconceitos históricos com relação à transexualidade. Concluímos, preliminarmente, que nos textos jornalísticos se presentificam discursividades cujos efeitos de sentidos materializam uma conjectura social que continua marginalizando, estigmatizando e invisibilizando as minorias sociais.

Palavras-chave: identidade; jornalismo; gênero; transgêneros; discurso; história.

ABSTRACT

Journalism's relationship with society has always been linked to nuances of meaning, since, by disseminating news, the History of the present time is created. With the advances made possible by the emergence of the Internet, the issues that permeate the results of the newsworthiness process were also expanded. In this work, we aim to problematize and discuss how journalistic news, by discursively narrating the deaths of transvestites and trans women, produce effects of meanings that return to historical prejudices and show the place of these discursive subjects constituting their identities. With this understanding, we use concepts of Discourse Analysis of French Line and Foucaultian theorizations as analytical devices of discursive productions that circulate in news about the deaths of transvestites and trans women, based on the Paraíba portals g1, T5 and Correio. The scope of the object of analysis considers 3 cases for the research problematizations: Sheila, Doroty and a transvestite that was not even identified, who died in the year 2020. We discuss, therefore, how the information listed in the news produces meaning effects that reveal stigmas and historical prejudices regarding transsexuality. We conclude, preliminarily, that in journalistic texts, discursivities are made present whose effects of meanings materialize a social conjecture that continues to marginalize, stigmatize and make social minorities invisible.

Keywords: identity; journalism; genre; transgenders; speech; story.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - QR Code - Notícia da morte de Sheila - g1 Paraíba...	35
Figura 2 - Notícia da morte de Sheila - g1 Paraíba...	35
Figura 3 - Notícia da morte de Sheila - g1 Paraíba...	38
Figura 4 - QR Code - Notícia da morte de Sheila - Portal T5...	39
Figura 5 - Notícia da morte de Sheila - Portal T5...	41
Figura 6 - Notícia da morte de Sheila - Portal T5...	42
Figura 7 - QR Code - Notícia suíte da morte de Sheila - Portal T5...	43
Figura 8 - Notícia suíte da morte de Sheila - Portal T5...	43
Figura 9 - Notícia suíte da morte de Sheila - Portal T5...	44
Figura 10 - QR Code - Notícia da morte de Sheila - Portal Correio...	45
Figura 11 - Notícia da morte de Sheila - Portal Correio...	46
Figura 12 - QR Code - Notícia da morte de travesti não identificada - Portal Correio...	48
Figura 13 - Notícia da morte de travesti não identificada - Portal Correio...	49
Figura 14 - QR Code - Notícia da morte de travesti não identificada - g1 Paraíba...	50
Figura 15 - Notícia da morte de travesti não identificada - g1 Paraíba...	51
Figura 16 - QR Code - Notícia da morte de travesti não identificada - Portal T5...	52
Figura 17 - Notícia da morte de travesti não identificada - Portal T5...	53
Figura 18 - Notícia da morte de travesti não identificada - Portal T5...	54
Figura 19 - QR Code - Notícia da morte de travesti não identificada - g1 Paraíba...	55
Figura 20 - Notícia da morte de travesti não identificada - g1 Paraíba...	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: DIGNAS DE MANCHETES?	12
2 DISPOSITIVOS TEÓRICOS	16
2.1 CONCEITUANDO ANÁLISE DO DISCURSO.....	16
2.1.2 Origens da Análise do Discurso Francesa	17
2.2 IDENTIDADE E QUESTÕES DE GÊNERO... ..	22
2.3 A IMPRENSA E SEUS TRUQUES.....	26
3 DISPOSITIVOS METODOLÓGICOS	28
3.1 O PERCURSO DA PESQUISA.....	29
4 ONDE SE (RE)CONSTRÓI A IDENTIDADE	32
4.1 ANÁLISE VERBO-VISUAL DA COBERTURA DE MORTE DE TRAVESTIS.....	32
4.2 SHEILA DEBAIXO DOS LENÇÓIS: MORREU POR QUE MERECEU?... ..	34
4.3 O CORPO INFAME NÃO IDENTIFICADO: QUEM É ELA?... ..	48
4.4 DOROTY NARRADA PELA POLÍCIA: NINGUÉM CONHECE?.....	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60

1. INTRODUÇÃO: DIGNAS DE MANCHETES?

Mesmo antes de iniciar a Graduação em Jornalismo, consumir notícias e reportagens fazia parte da rotina de estudos para construir repertório cultural e senso crítico. Situações do cotidiano eram, o tempo todo, postas em xeque para discussões e análises. Naquela época, estava desenvolvendo a sexualidade, há muito tempo reprimida pelos dogmas religiosos presentes em casa, na comunidade cristã e até mesmo na própria escola - o que é fortemente presente na sociedade ainda nos dias de hoje. Foram várias leituras de casos e repercussões sobre mortes de pessoas LGBTQIA+¹, que causavam mal-estar, frustrações e medos. Por essa razão, a proximidade com a temática e, atualmente, estagiando nos maiores portais de notícias da Paraíba, cobrindo a área policial, houve um debruçamento sobre as questões editoriais, fontes jornalísticas, imersão na apuração e checagem de fatos.

Dessa forma, foi possível ampliar a compreensão sobre a valorização de pautas envolvendo travestis e mulheres trans. Por que sempre são priorizadas as notícias factuais envolvendo homens, geralmente brancos e ricos? Que audiência é dada a pessoas negras, mulheres e minorias sociais - no geral? Qual é o papel da imprensa nessas situações de inclusão e diversidade? Foi por meio desses questionamentos e por estar nesse lugar social, que entendemos a ligação do processo de escrita da notícia a fatores que buscam informar à população, mediante pautas de interesse público, mas não somente a isso, “o jornalista não pode falar como quiser, pois, tem de se submeter a certas regras internas e externas da instituição” (GREGOLIN, 2003, p.113).

Nessa perspectiva, o caráter noticioso se respalda na formação intelectual e social do jornalista; aos preceitos mercadológicos que integram a produção da instituição em que o jornalista é vinculado; e, também, às respostas que a população almeja acerca de assuntos cotidianos. Para Marcondes Filho:

Notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo. Além do mais, ela é um meio de manipulação ideológica de grupos de poder social e uma forma de poder político. Ela pertence, portanto, ao jogo de forças da sociedade e só é compreensível por meio de sua lógica. (MARCONDES, 1989, p. 13).

¹ Grupo social que engloba lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexos, assexuais, arromânticos, agêneros e mais.

Sendo assim, “o que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta” (GREGOLIN, 2003, p. 97). Por essa razão, pensamos em como o jornalismo pode (des)construir identidades cristalizadas na sociedade, a partir da (re)produção de discursos e como isso pode impactar as pessoas no que diz respeito ao tratamento e às ações voltadas para quem está em pauta.

Para entendermos melhor essa relação, basta lembrarmos que um mesmo fato, noticiado por veículos de imprensa, traz diversas interpretações e compreensões. Isso também acontece com a identidade. Segundo NAVARRO-BARBOSA (2004, p. 120), “para construir seu objeto, [a imprensa] recorta outros domínios do saber pertencentes, por exemplo, à sociologia, à antropologia e à história”. Existe, dessa forma, uma relação interdiscursiva na linguagem jornalística, que implica considerar que a identidade não é algo definitivo e acabado, são práticas de subjetivação que produzem identidades, por isso a identidade é um processo que está em constante mutação (NAVARRO-BARBOSA, 2004).

Justamente pela defasagem e falta de responsabilidade da Imprensa com relação às notícias de mortes de travestis e mulheres trans, além da falta de visibilidade, respeito e inserção social, profissional e midiática, o foco deste estudo será na comunidade T (travestis e transsexuais), no qual pretendemos analisar como os portais, através das notícias publicadas, produzem efeitos de sentido que dialogam com práticas históricas de silenciamento, apagamento e marginalização, seja pela presença ou não de imagens e fotos, das informações (ou a falta delas) presentes nos textos, da seleção de fontes, da busca por esclarecimentos e mais detalhes sobre os fatos.

São esses os fatores que norteiam o papel da imprensa, cuja responsabilidade social se pauta em proporcionar reflexões, questionamentos, esclarecimentos e, sobretudo, o acesso à plural checagem aos leitores, possibilitando a quebra de estigmas e paradigmas, pensando novas práticas sociais de inclusão e diversidade.

Historicamente, o preconceito e a discriminação estão conectados ao problema da violência, que acontece por uma proposição de “normalidade” e “superioridade” entre grupos que detêm poderes sociais, econômicos e, sobretudo, políticos. Embora não seja o foco deste trabalho discutir essa herança sociocultural, adentrar nesse nicho é fundamental para entendermos que:

Na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento. É ela, em grande medida, que formata a

historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente. (GREGOLIN, 2003, p. 6).

A relação entre memória e discurso da imprensa é determinante para a concretização da informação. Não há, portanto, notícias, sem que formações históricas e ideológicas sejam retomadas e, acima de tudo, reproduzidas. O jornalista, neste caso, “se subjetiviza não apenas como porta-voz da sociedade, mas como os próprios olhos de uma sociedade que “não conhecia” seu passado e precisa entender o presente” (ASSIS, 2015, p. 139).

Dentro dessa relação discursiva, entendemos, portanto, que “há todo um resgate de uma memória transcodificada em outros meios, em outros formatos; e, conforme vão sendo modificados os suportes, modificam-se também a organização do discurso, a seleção dos textos, a “arrumação” do contar, do narrar” (ASSIS, 2015, p. 139). Por essa razão, as notícias de mortes de travestis e transexuais não se desprendem de um apagamento do sujeito historicamente marcado por exclusão e marginalização.

Pensando, então, na responsabilidade social que carrega o jornalismo, selecionamos recortes de notícias para analisar práticas discursivas que perpassam as notícias de portais. Delineamos, como objetivo geral, problematizar e discutir como essas notícias, ao narrar discursivamente as mortes de travestis e mulheres trans, podem produzir efeitos de sentidos que retomam preconceitos históricos e evidenciam o lugar desses sujeitos discursivos. Como objetivos específicos, interpretar como práticas discursivas produzem sentidos na imprensa que podem alimentar um processo de julgamento e sentença, fator determinante para a (re)construção identitária dessa comunidade; discutir como os portais de notícias se utilizam de discursividades, cujos efeitos de sentido apontam similaridades e diferenças entre os aspectos das notícias, apuração e checagem - de um mesmo caso; analisar como os enunciados selecionados traduzem sentidos que reproduzem estigmas e preconceitos históricos atinentes à elaboração de categorias identitárias de travesti. De que modo a imprensa tem pautado discursivamente a morte de sujeitos travestis visando à (des)construção da identidade formulada historicamente por exclusão, condenamento e crucificação? Como são delimitados os espaços de investigação jornalística através dos enunciados provenientes exclusivamente de fontes oficiais? Até que ponto a responsabilidade social é fator crucial para que seja feito um trabalho de investigação jornalística?

Ao delinear os objetivos, elencamos 3 notícias de mortes de travestis e transexuais, que aconteceram em João Pessoa e outras cidades ao redor. Os casos foram

mapeados por meio de um levantamento que considerou a busca pelo fato noticiado, se foi publicado nos três portais e se houve repercussão ou suítes² feitas pelos veículos.

A monografia, portanto, se estrutura em três capítulos: o primeiro atravessa os conceitos teóricos da Análise do Discurso Francesa (AD), de teorizações foucaultianas, de teóricos sociais acerca das concepções de Identidade na pós-modernidade e autores voltados para questões de gênero, além de apontamentos sobre como o Jornalismo interfere socialmente através do que se noticia. Através do diálogo entre os aportes teóricos, iniciamos este trabalho fazendo essa relação teórica que vai respaldar os próximos capítulos. O segundo trata o percurso metodológico seguido na pesquisa e explica a seleção dos portais de notícia. Por fim, o terceiro capítulo traz a análise dos casos mapeados, bem como reflexões e discussões sobre os temas abordados.

Ensejamos, ao abordar a temática atinente à comunidade T, contribuir, modestamente, para que profissionais da imprensa, editorias jornalísticas, comunidade acadêmica e, sobretudo, a sociedade, consigam entender o conjunto de ações que pode ser viabilizado e desenvolvido, de forma que todas as vozes de travestis e mulheres trans sejam ouvidas. Acima de tudo, para que os preceitos da Carta Magna sejam garantidos com responsabilidade, diversidade e pluralidade.

² No Jornalismo, notícias suítes são informações checadas e publicadas após a ocorrência do fato, geralmente um desdobramento ou fato descoberto após a primeira notícia.

2. DISPOSITIVOS TEÓRICOS

2.1 Conceituando Análise do Discurso

Um dos objetos mais pesquisados e analisados dentro das Ciências Humanas é a Leitura. Muitos estudiosos têm expandido o objeto de análise e se debruçado sobre materialidades que englobam a compreensão e interpretação dos gêneros textuais. Pensando os aspectos cognitivo, interativo, discursivo e social, dentro do campo linguístico, é compreendido que os sentidos se materializam segundo o texto, o leitor e o autor. Embora os sentidos circulem entre essa tríade, como se conjecturam as práticas discursivas que atribuem sentidos? É a partir desse questionamento que a Análise do Discurso (AD), mais precisamente a de linha francesa, tem contribuído, ao unir teoria e prática, para formações críticas e problematizações sobre a sociedade, a partir do discurso.

Antes de elencar os aportes teóricos que usaremos nesta pesquisa, torna-se necessário esclarecer que, ao tratar de métodos de análise, neste caso, na perspectiva linguística do discurso, não focaremos no que geralmente se utiliza para efetuar referência à política, textos rebuscados ou a um pronunciamento eloquente, com retóricas ensaiadas ou afins. Aqui, rompe-se com essas concepções que se originam no senso comum. Consideramos, portanto:

(...) como objeto da Análise do Discurso, discurso não é a língua, nem texto, nem a fala, mas necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. (FERNANDES, 2008, p. 12).

Dessa forma, entendemos que a produção de discursos - ou produção discursiva - não se completa à sua materialidade linguística, como os textos, por exemplo. Os discursos e, sobretudo, os sentidos, são formulados por fatores sociais e ideológicos que possibilitam diferentes interpretações, a partir do lugar social de que fala o sujeito, tanto na posição de enunciador como leitor, aos quais referenciamos como sujeitos discursivos. Por isso presenciamos, no dia a dia, “sujeitos em debate e/ou divergência, sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema” (FERNANDES, 2008, p. 12). O contraste nas posições dos sujeitos em relação ao mesmo tema, evidencia os lugares socioideológicos distintos por eles.

A linguagem, então, é a forma constitutiva desses lugares. Neste caso, não é diferente com as instituições, regidas por sujeitos discursivos. Cabe ressaltar, todavia, que os discursos não são estáticos, estão sempre em movimento e conforme as mudanças sociais e políticas da

sociedade. Então, “uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico daqueles que a empregam” (FERNANDES, 2008, p. 14).

Esta perspectiva teórica se desloca dos conceitos propostos pelo linguista Ferdinand de Saussure, conhecido como o "Pai da Linguística Moderna", que defendeu a distinção entre *Língua e Fala* como objeto epistemológico das ciências da linguagem. Dessa forma, se distanciando da Linguística Funcional, a AD tenta desvendar possíveis interações entre texto (verbal ou não-verbal), leitor, condições de produção e recepção. De acordo com Possenti:

A AD rompe com a concepção de sentido como projeto de autor; com a de um sentido originário a ser descoberto; com a concepção de língua como expressão das ideias de um autor sobre as coisas; com a concepção de texto transparente, sem intertexto, sem subtexto; com a noção de contexto cultural dado como se fosse uniforme. (POSSENTI, 2007, p. 360).

Considerando esta perspectiva, a AD se apresenta como uma teoria que propõe rupturas ao fazer linguístico. O texto é considerado inacabado, polissêmico; os sentidos não estão claros, óbvios ou transparentes, são opacos e se constroem no social. Por essa razão, os pressupostos teóricos da AD são relevantes e aptos a este trabalho, que discute, *a priori*, os sentidos de textos jornalísticos.

2.1.2 Origens da Análise do Discurso Francesa

Segundo Maldidier (2014), essa concepção teórica atravessou a segunda metade do século XX e passou por diversos deslocamentos. Desde 1960, as obras do lexicólogo Jean Dubois e do filósofo Michel Pêcheux, ambos franceses, eram fortemente ligadas à política. Enquanto Dubois se dedicava à elaboração de dicionários e acompanhava a Corrente Linguística da época, Pêcheux problematizava as relações entre o seu objeto - o discurso, a partir do marxismo, da psicanálise e a epistemologia. Em comum, havia o interesse em estudos linguísticos como pontapé inicial para uma intervenção política.

Naquela época, a França vivia um período revolucionário e histórico. Foi a partir desse cenário que a AD se desenvolveu, formulando uma relação entre política e Linguística, que resultou em um novo projeto no campo da ciência. Portanto, torna-se necessário entender qual o percurso traçado pela AD, desde sua gênese, até à constituição de um campo do saber dentro da Linguística.

A ótica do discurso, atualmente, é uma esteira que se desloca por várias correntes linguísticas. Seu início se deu, no entanto, a partir de uma reação à visão estruturalista, que

considera uma possível autonomia relativa da linguagem e, na língua, o único espaço de manifestação de regularidades, ou seja, um sistema linguístico, que descarta todas as manifestações externas; a relação entre as partes interna da língua é, portanto, um sistema fechado sobre si mesmo. Por isso desconsidera-se o que se coloca externamente.

Saussure (2012) defendia que a língua era o objeto a ser tratado como linguístico - em oposição à fala, já que era sistemático segundo sua percepção científica. Já a fala era um possível elemento de análise para a linguística, enquanto objeto da ciência e, portanto, era desconsiderada. À época, a sistematização era uma das exigências do estatuto científico e essa era a razão pela qual desconsiderava-se a fala.

A perspectiva dicotômica saussureana foi contraposta por Michel Pêcheux, a partir de questionamentos com relação à limitação atribuída pela teoria proposta (do estruturalismo linguístico). O filósofo francês não desconsidera o que é colocado pelo mestre genebrino, mas defende uma ampliação dessa concepção. A compreensão de que a fala (tal qual o sujeito) e os acontecimentos que estão inseridos os sujeitos, excluídos do campo linguístico, tornaria restrita e fechada a ciência da linguagem, que se limitaria aos aspectos gramaticais (Semântica, Fonologia, Sintaxe e Morfologia). Conforme Possenti:

Pode-se dizer que a AD é uma teoria da leitura, ou melhor, que ela formula uma teoria da leitura que se institui rompendo fundamentalmente com a análise de conteúdo, por um lado, e com a filologia (e também com a hermenêutica), por outro. Seu rompimento com a linguística tem essa conotação: é na medida em que a linguística reivindica uma semântica como um de seus componentes que se pode dizer que a AD rompe com ela (POSSENTI, 2007, p. 358).

A problemática apresentada pela filologia, elemento precursor nesta ruptura, se fundamentava nos estudos de textos, considerando os fatores de interpretação e compreensão. Nessa perspectiva, o conteúdo do texto estaria dentro do próprio texto e não em outro local. No entanto, Pêcheux apontava que os próprios estudos da Semântica, considerada o lugar de contradição da Linguística, não se restringiriam à ideia de que os significados eram contidos apenas na Língua. Para ele, o estudo do sentido se dava além, sem se apegar ao aspecto empirista da Língua. Foi através da opacidade de sentido que Pêcheux defendeu a polissemia da linguagem, ou seja, os sentidos não eram tão evidentes como defendido por Saussure.

Considerando o estopim dado por Pêcheux na Análise do Discurso com relação ao Estruturalismo Linguístico, uma série de deslocamentos surgiu e configurou o que o próprio autor nomeia de *Três Épocas*. Houve, nesse sentido, uma busca incansável do filósofo por um

método de análise, que evidenciasse e descrevesse as condições de produção de práticas discursivas.

Em 1969, houve o primeiro momento que focalizou a relação entre o campo da língua, a partir da teoria sintática da linguística, e o campo social, formulado pelo materialismo histórico. Neste momento, temos a formulação da concepção de sujeito, diferente da atribuição estruturalista. Aqui, o sujeito é assujeitado por uma ideologia e enunciador de discursos manipulados pela classe social. A concepção de discurso também se reformula como resultante da articulação entre o linguístico e o sócio-histórico. Surge, portanto, um sistema teórico fechado, a partir do conceito de formação discursiva" (FD), que traz reflexões com relação aos sentidos das palavras, passíveis de mudanças conforme a existência de uma sociedade dividida em classes. O conceito é criado sob o paradigma da teoria marxista.

Dessa forma, o discurso ganha uma nova configuração, que passa a existir na exterioridade do linguístico. É a partir do social que visualizamos posições divergentes, formuladas a partir de diferentes discursos. Essa concepção nos permite enxergar, sob novas óticas, os conflitos sociais e as contradições, por exemplo. “O sujeito, ao mostrar-se, inscreve-se em um espaço socioideológico e não em outros, enuncia a partir dessa inscrição” (FERNANDES, 2008, p. 19).

É no final de 1974 que inicia-se o segundo momento, marcado pela reformulação do conceito de Formação Discursiva. Antes, considerava-se como um espaço fechado, delimitado; agora, existe a possibilidade de outros elementos externos invadirem esse campo. Também surge a noção de 'interdiscursividade': relação entre elementos intradiscursivos (da ordem da língua) e elementos interdiscursivos (da ordem da história). Isso significa que o processo discursivo tem elementos internos e, sobretudo, externos a ele. Esse novo conceito também foi pensado por Mikhail Bakhtin e Michel Foucault, a partir da concepção de que todo enunciado se relaciona com aqueles que o seguem e aqueles que o precedem. Nesse sentido, essa relação é parte constituinte do processo de elaboração dos sentidos.

Novos teóricos surgem a partir de 1980: Jean-Jacques Courtine, Pierre Nora, Jacques Le Goff, Michel de Certeau. Michel Foucault, no entanto, entra em evidência ao propor novos avanços em debate aos conceitos desenvolvidos por Pêcheux. É chegado o terceiro momento. O trabalho de Pêcheux sofreu influências desses pesquisadores. A ideia de formação discursiva foi ampliada, mas o caráter ideológico que determina o processo discursivo não foi rejeitado. Surge, então, a observação da heterogeneidade discursiva, que remete à opacidade da linguagem.

A partir de Foucault, o conceito de formação discursiva funciona, então, como uma caixa. Dentro dela, estão as formações ideológicas, que resultam o entrecruzamento de diferentes discursos. Quando falamos *travesti*, por exemplo, considerando que esse lexema é um enunciado integrante de uma FD, pensamentos em diferentes concepções: homem que se veste de mulher; homem que usa maquiagem; homem que fez redesignação sexual; mulheres que possam ter aspectos físicos considerados masculinos; entre outras. Sendo assim, muitas posições acerca de algum discurso caracterizam-se pelo caráter histórico, formado por diferentes proposições ideológicas. Em linhas gerais, são instâncias que atribuem ao sujeito aquilo que pode e o que deve ser dito em certas ocasiões. Uma FD interliga formações de diferentes posições ideológicas, sócio-históricas e de sujeitos diferentes. É a partir dessa relação que há o entrecruzamento de diferentes discursos e formações ideológicas em uma mesma FD. "Diante disso, podemos atestar que toda formação discursiva, em seu interior, há a presença de diferentes discursos, ao que, na Análise do Discurso, denomina-se interdiscurso" (FERNANDES, 2006, p. 39).

É por essa razão que os sujeitos, ao formularem conceitos e sentidos com relação à sexualidade, podem falar a partir de lugares como a religião, a ciência e a filosofia, por exemplo. Tais lugares determinam, no interior discursivo, como os temas serão avaliados. Os discursos são, portanto, sempre heterogêneos. Sendo assim, o caráter homogêneo da linguagem se esvai. Para a AD, não existe singularidade e regularidade em práticas discursivas. O uso deste conceito é fundamental para compreender as condições de possibilidade do discurso, uma vez que a (re)produção discursiva da identidade travesti é o foco de análise deste trabalho. São as abordagens textuais (verbo-visuais) que importam neste processo.

Nesta época, também cai em desuso as expressões 'aparelho ideológico' e 'luta de classes'. Os textos passam a ser impregnados de 'significados', ambíguos. Para que os sentidos sejam evidenciados, torna-se necessário considerar as condições de produção, a FD em que se inscreve o discurso e, sobretudo, as formações ideológicas.

Se a ideologia era, até 1975, a matriz do sentido para Pêcheux, em sua última publicação "Discurso: estrutura ou acontecimento?", de 1983, o filósofo apresenta uma nova mudança que passa a considerar a ideologia como uma condição de possibilidade. Todos os questionamentos, discussões, reformulações e adaptações possibilitaram a continuidade da AD após a morte de Michel Pêcheux, em 1983.

Com o avançar da teoria do discurso, outro conceito que surge na AD sobre os pressupostos de Foucault é o de Enunciado, fator que determina a posição-sujeito a partir da história. Segundo Fernandes:

São acontecimentos que sofrem continuidade, descontinuidade, dispersão, formação e transformação, cujas unidades obedecem a regularidades, cujos sentidos são incompletamente alcançados. [...] são elementos integrantes das regularidades discursivas, inscrevem-se nas situações que os provocam e, por sua vez, provocam consequências, mas, vinculam-se, também, a enunciados que os precedem e os sucedem. (FERNANDES, 2008, p. 30).

Apesar de haver (re)produções de materialidades, considerando a relação intrínseca com a história, um enunciado torna-se sempre outro. Por essa razão, “há sempre uma espessura material que constitui o enunciado, que denota substância, suporte, lugar, data” (Fernandes, 2008, p. 63). Alterando-se tais elementos, portanto, revela-se o caráter múltiplo das enunciações e, sobretudo, a mudança de identidade do enunciado, que é sempre mutável.

É válido ressaltar que, para a AD, os enunciados são diferentes de frases, proposições ou atos de fala. Foucault (1995) afirma que o enunciado está no plano do discurso, não se submete a uma estrutura linguística canônica, ou seja, não está nos elementos constituintes da frase, não se trata do ato material (falar e escrever), tampouco da intenção ou do resultado que se alcança. É “a operação efetuada pelo que se produziu pelo próprio fato de ter sido enunciado”. (FOUCAULT, 1995, p.94).

Contudo, considerando as materialidades linguístico-discursivas, as análises deste trabalho se ancoram nos pressupostos teórico-metodológicos oriundos de Michel Foucault, a partir dos conceitos de Discurso, Formação Discursiva, Sujeito Discursivo e Enunciado.

No Brasil, a teoria só chegou em 1980 em um contexto ditatorial. “Foi um convite para que olhemos atrás das palavras e ainda a constatação de que por trás das palavras pronunciadas outras são ditas” (FERNANDES, 2008, p. 84). Desde então, a Análise do Discurso tem se espalhado pelos espaços de pesquisa, para desvendar não somente o que está oculto, mas todos os possíveis sentidos que estão entrelaçados e ‘aparentemente’ esclarecidos. “Como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 1995, p. 16), questionou Foucault ao se deparar com interpretações distintas diante de produções discursivas.

Diante dos apontamentos conceituais, a abordagem foucaultiana, que estuda as práticas discursivas, possibilitou reflexões e questionamentos sobre práticas históricas e hegemônicas de exclusão e categorização dos sujeitos em seus processos individuais. Seus

trabalhos deram visibilidade a temas estigmatizados pela exclusão social. Dessa forma, os discursos produzidos pelas instituições jornalísticas têm poder considerativo de direcionar o pensamento e, conseqüentemente, reprodução dos discursos.

É por esse fator que abarcamos a abordagem foucaultiana da Análise do Discurso. Esta teoria se respalda, contudo, em uma busca pela compreensão da produção dos discursos como elemento integrante da História. É a partir desse olhar que conduziremos este trabalho.

2.2 Identidade e Questões de Gênero

Pensar a construção discursiva de identidades a partir das narrativas jornalísticas é um fator que, sem dúvidas, abre espaços para investigar a produção dos discursos e como se materializam em sociedade. O objetivo dessa investigação atinge um dos pressupostos desta pesquisa: a noção de Identidade, que dialoga com a noção de Heterogeneidade da AD. Aqui, consideramos as perspectivas de Castells (1999), Bauman (2005) e Hall (2006), que definem uma concepção plural e fragmentada, "que colabora a compreensão da constituição do sujeito discursivo, uma vez que a existência do "eu" se dá pela constituição de múltiplos fragmentos do outro" (FERNANDES, 2008, p. 30-31). A Identidade, na percepção deles, é considerada o produto das novas relações sociopolíticas em sociedade e inacabada por não se limitar às mudanças sociais que sofre.

Conforme Hall (2006), existem três concepções distintas, de acordo com o tempo e o espaço, para definir os sujeitos. O primeiro é o sujeito do Iluminismo, o segundo é o sujeito psicológico e o terceiro é o sujeito pós-moderno. Este último é o que consideramos para as análises deste trabalho, por não possuir uma identidade fixa ou permanente, tampouco unificada:

A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos. (HALL, 2006, p. 12).

No entanto, não nos desprendemos da concepção de sujeito que tem sua identidade constituída, também, pela interação social, neste caso, o sujeito psicológico. A identidade é, portanto, resultante de um "caráter transitório, mutante, decorrente da perda da estabilidade e da fixidez para o sujeito, deslocado, descentrado, e constituído pelas relações discursivas" (FERNANDES, 2008, p. 30).

Na mesma ordem do discurso, se instauram as formulações de Bauman, ao estudar como a Identidade se relaciona na pós-modernidade e suas constantes mudanças perante o que ele nomeia de "novo mundo líquido" (BAUMAN, 2005). Nesta configuração temporal, é a fluidez que vai determinar as formas de relacionamento e, também, como nos relacionamos com nós mesmos. Essa concepção fundamenta o que o sociólogo defende como Identidade. "Identidade só nos é revelado como algo a ser inventado e não descoberto, como alvo de um esforço, um objetivo como uma coisa que ainda precisa construir partir do zero ou escolher entre alternativas" (BAUMAN, 2005, p. 22). Sendo assim, os indivíduos criam suas próprias Identidades, que pode ser moldada também a partir do outro. As Identidades se alternam, contudo, de acordo com as condições de produção dos sujeitos. Ela é, portanto, líquida e fluida.

Para Castells (1999), a Identidade pode ser considerada fonte de significados e história de um povo, mas não só isso, tudo que se é aprendido, ensinado, herdado e vivido por uma sociedade, em determinado tempo, pode formar Identidade. De acordo com o sociólogo espanhol:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém todos esses materiais são processados pelo indivíduo, grupos sociais e sociedades, que reorganizam em seu significado em função de tendência sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social bem como sua visão de tempo/espço. (CASTELLS, 1999, p. 25).

Dessa maneira, o autor enxerga que a construção social da Identidade parte de relações de poder, dividida em três formas e origens: Identidade legitimadora, de resistência e de projeto. A primeira, a legitimadora, se introduz por instituições dominantes, a fim de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos demais indivíduos. A segunda, a de resistência, cria-se a partir dos indivíduos que se encontram em posições e condições mais desvalorizadas socialmente e baseia-se em distintas condições impostas pelas instituições. A identidade de projeto se configura a partir de quando os indivíduos constroem, pelo material cultural, uma nova identidade que transforma/altera sua posição em sociedade, reformulando-se, sobretudo, a estrutura social.

Essas concepções também dialogam com o campo disciplinar da Análise do Discurso. Nessa corrente teórica, "o sujeito é produzido no interior dos discursos e sua identidade é resultante das posições do sujeito nos discursos" (FERNANDES, 2008, p. 30). Por essa razão,

considera-se heterogêneo o sujeito discursivo, que é constituído pela relação estabelecida com o outro e pelas interações sociais.

Esse jogo de concepções identitárias que sofreu longas modificações e adaptações, evidenciando, portanto, o caráter instável dos sujeitos, provocou também novas discussões sobre Questões de Gênero. As primeiras pesquisas e estudos sobre questões de gênero tinham reflexões originadas a partir de características biológicas, historicamente construídas com efeitos de poder. No entanto, os avanços desses estudos socioculturais, em torno de homens e mulheres, possibilitaram novos pensamentos acerca de costumes, ações, comportamentos, estilos de vida, a partir de contextos socioculturais específicos.

Isso implica que as questões de gênero são formuladas a partir do espaço-tempo, embora as concepções históricas se reproduzem, sobre o ser masculino e feminino, em práticas discursivas cotidianamente. Judith Butler (2019) ressalta a importância de se distinguir "gênero" e "sexo". Segundo a filósofa pós-estruturalista, gênero define algo culturalmente construído e não é definido pelo sexo, que é algo imutável em condições biológicas. "O gênero é significado cultural assumido pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo" (BUTLER, 2019, p. 26). Portanto, "o homem e masculino podem, com igual facilidade, significar ter um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino" (BUTLER, 2019. p. 26).

Outra concepção que dialoga com os aspectos teóricos deste trabalho partem da socióloga Berenice Bento (2012), que analisa o sujeito desde o início da sua própria vida. No início da gestação o feto é apenas um feto. Com o passar do tempo, as expectativas e possibilidades se voltam para a revelação do sexo da criança. Quando se descobre o sexo, o feto passa a ser um menino ou uma menina. A partir disso, "o corpo só adquire vida inteligível quando se anuncia o sexo do feto" (BENTO, 2012, p. 33).

Dessa forma, antes mesmo de vir ao mundo, os estigmas e os corpos já são predeterminados. Portanto, quando se diz "é uma menina", não está se descrevendo apenas o sexo, cria-se, sobretudo, um sujeito discursivo que, a partir de ideologias e concepções históricas, atribui sentidos ao "ser menina". Corriqueiramente pais projetam brinquedos, cores, roupas e expectativas para a criança, conforme a Formação Discursiva que se inserem. Em suma, o gênero integra a Identidade do sujeito.

A noção de Identidade de Gênero parte de uma concepção individual. É como o sujeito se identifica sócio-historicamente. Conforme Louro:

Sujeitos [biologicamente] masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.). O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. (LOURO, 2003, p.26).

Considerando as múltiplas identidades, nos restringimos aos conceitos de "cisgêneros" e "trânsgeros". Sujeitos cisgêneros (cis) se identificam com o gênero que lhe foram atribuídos ao nascerem. Podem ser mulheres cisgêneros, que se identificam com o sexo feminino por terem nascido assim; homens cisgêneros, que se identificam com o sexo masculino por ser o de nascimento. Esta configuração é um modelo binário de classificação.

Já os transgêneros (transexuais/trans) não se identificam com o gênero que lhe foi "atribuído" em seu nascimento. Pessoas trans podem ou não estar em uma divisão binária. Mulheres trans são registradas legalmente pelo sexo masculino ao nascer, porém não se identificam e podem, no Brasil, solicitar/judicializar o reconhecimento social e legal enquanto mulher. Os homens trans, todavia, foram registrados pelo sexo feminino ao nascer e também podem recorrer aos meios legais para serem reconhecidos enquanto homens trans. Não necessariamente esses sujeitos passaram por algum processo de "mudança de sexo"³, cabe a eles escolherem se querem ou não realizar esse processo.

Outrossim, os termos também se aplicam a quem opta por passar ou não do processo transexualizador, “em que uma pessoa transgênero passa, de forma geral, para que seu corpo adquira características físicas do gênero com o qual se identifica, podendo ou não incluir tratamento hormonal, processos cirúrgicos variados e cirurgia de redesignação genital/sexual ou de transgenitalização (JESUS, 2012, p.30).

São múltiplas as vertentes de pessoas transgêneros. O gênero não-binário não se identifica nem como "mulher" nem como "homem". O Bigênero-binário se identifica com ambos. Ainda existem os Agêneros que não se identificam ou não se veem enquanto gênero algum; os Pangêneros, que se definem dentro da divisão binária construída sócio-historicamente; além dos Intersexuais e as Travestis, “que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homem ou mulher, entendendo-se como integrantes de um terceiro gênero ou de um não-gênero. Referir-se a elas sempre no feminino, o artigo “a” é a forma respeitosa de tratamento (JESUS, 2012, p.27).

³ O termo passou a ser considerado inadequado porque produz o sentido de que as pessoas trans mudam de sexo, mas isso é um conceito distorcido. Na realidade, não se muda de sexo. O que acontece é uma transição, quando é exposta a forma como as pessoas trans se sentiram por dentro há muito tempo. É, portanto, uma questão interna.

Dentro de uma sociedade "conservadora", que se coloca em uma posição criminosa para cometer transfobia e acaba fechando os olhos para a diversidade humana, os avanços sobre as pautas de Gênero e Sexualidade têm sido alvos de perseguição. A comunidade trans ainda sofre preconceitos, violência e marginalização. Por esta razão, insistimos em trazer esses conceitos e significados, para não só dar espaço e visibilidade à comunidade T, mas problematizar essa realidade, que insiste em tirar a vida de milhares de seres humanos, simplesmente pelo direito de existir.

2.3 A mídia e seus truques

Como mencionado anteriormente, as análises deste trabalho partem de práticas discursivas que circulam em notícias de mortes de travestis nos portais da Paraíba. Dessa forma, é necessário compreender como a Imprensa se relaciona com a sociedade e como essa ligação provoca a cristalização de sentidos e reafirmações de concepções históricas. De acordo com o linguista Patrick Charaudeau, para chegar à essa compreensão, é preciso considerar as múltiplas dimensões envolvidas nos atos de linguagem, visto que é:

É cheia de armadilhas. Isso porque as formas podem ter vários sentidos (polissemia) ou sentidos próximos (sinonímia); (...) Além disso, um mesmo enunciado pode ter vários valores (polidiscursividade): um valor referencial (ele descreve um estado de mundo), enunciativo (diz coisas sobre a identidade e as intenções dos interlocutores), de crença; tem-se consciência dessa multiplicidade de valores? Enfim, há também o fato de que a significação é posta em discurso através de um jogo de dito e não dito, de explícito e implícito, que não é perceptível por todos: tem-se consciência dessa multiplicidade de efeitos discursivos? (CHARAUDEAU, 2015, p. 38-39).

Dessa forma, a informação jornalística parte de estratégias discursivas que podem influenciar diretamente os interlocutores, mas não há uma hierarquia nessa relação. Apesar do direcionamento do olhar, a leitura se faz a partir das condições de produção dos sujeitos, pois quem fala (ou lê), o faz a partir de um lugar social. A informação é, portanto, “pura enunciação. Ela constrói saber e, como todo saber, depende ao mesmo tempo do campo de conhecimentos que o circunscreve, da situação de enunciação na qual se insere e do dispositivo no qual é posta em funcionamento” (CHARAUDEAU, 2015, p. 36). As notícias veiculadas em portais são, portanto, materialidades linguísticas, ou melhor dizendo, o lugar onde se materializam os discursos.

Cabe aos jornalistas transmitirem a informação, com a premissa de imparcialidade. Porém, assim como já desconsiderada no âmbito da comunicação, este trabalho não considera

essa perspectiva de “isenção”, por considerar que “essa informação se compõe de um conjunto de acontecimentos ou de saberes que aparentemente preexistem ao ato de transmissão, o que faz com que o jornalista se encontre numa posição que consiste coletar os acontecimentos e os saberes, e não em criá-los, antes de transmiti-los” (CHARAUDEAU, 2015, p. 74). Sendo assim, o jornalista assume uma posição de educador da opinião pública.

Essa postulação se torna mais objetiva quando comparamos as mesmas informações noticiadas em diferentes veículos, com discursos e enfoques diferentes. Charaudeau explica que a concorrência provoca esse feito porque, para se manter diferente dos demais veículos, os jornais precisam publicar manchetes diferentes, de modo a produzir efeitos/recepções diferentes (Charaudeau, 2015). É justamente o que pretende-se executar neste trabalho.

Contudo, as concepções acerca dos aportes midiáticos, neste caso, a Imprensa, conversam de maneira intrínseca com todos os conceitos e formulações teóricas abordados até aqui. Isso evidencia, nesse sentido, a ligação entre Imprensa, Sociedade e Identidade, tríade precursora para o capítulo a seguir.

3. DISPOSITIVOS METODOLÓGICOS

Antes de adentrarmos às análises, anunciamos aqui as estratégias metodológicas que respaldam o percurso deste trabalho. De natureza qualitativo-interpretativa, esta pesquisa estuda os enunciados das notícias de mortes de travestis a partir do método da Análise do Discurso, com o objeto de provocar reflexões sobre a construção identitária de travestis e mulheres trans por meio da Imprensa. O que se deseja aqui é “compreender suas condições de produção, ou seja, os aspectos históricos, sociais e ideológicos que determinam a produção do discurso; e também o lugar dos sujeitos na história, a situação enunciativa e os sentidos produzidos nesse conjunto” (FERNANDES, 2008, p. 67). Para isso, é necessário:

Descrever, explicar e avaliar criticamente os processos de produção, circulação e consumo dos sentidos vinculados àqueles produtos na sociedade. Os produtos culturais são entendidos como textos, como formas empíricas do uso da linguagem verbal, oral ou escrita e/ou de outros sistemas semióticos no interior de práticas sociais contextualizadas histórica e socialmente. (PINTO, 1999, p. 7)

A Análise do Discurso possibilita, todavia, métodos de análise extremamente consistentes para estudos dentro do campo jornalístico. Dessa forma, busca-se realizar uma "exaustividade vertical" (ORLANDI, 2009, p. 62) como espectro de análise, a partir dos objetos da pesquisa, que podem circular entre efeitos da história, ideologias, heterogeneidades, dos não ditos e/ou já ditos. Aqui, não há análise quantitativa de dados, o objeto é estudado em sua profundidade/totalidade.

Para Foucault (1966), em cada espaço-tempo existe uma ordem que constitui os saberes, que é condição de possibilidade do aparecimento dos saberes, para determinar o que pode ser pensado e como ser pensado, o que pode ser dito e como ser dito. Essa concepção foucaultiana pretende descobrir e descrever as regras que dirigem os discursos e, a partir disso, entender como produzem sentidos. O método da AD, portanto, busca descrever o discurso como produto, a fim de perceber como podem se tornar "verdadeiros" e serem (re)produzidos historicamente.

A trajetória metodológica se respalda, sobretudo, na observação da "textura" dos enunciados, a partir da linguagem verbo-visual, que une textos e imagens. É, portanto:

É na superfície dos textos que podem ser encontradas pistas ou marcas deixadas pelos processos sociais de produção de sentidos que o analista vai interpretar em três níveis: o contexto situacional imediato, o contexto institucional e o contexto sociocultural mais amplo, no interior dos quais se deu o evento comunicacional. (PINTO, 1999, p.22).

Cabe ressaltar que, realizando as observações, o analista do discurso não segue um padrão de análise. O olhar atribuído também se dá a partir da posição-sujeito. E, como o discurso pode gerar sentidos ambíguos, isso também pode acontecer nos aspectos analíticos, portanto ilimitados.

No entanto, para se compreender a relação dos discursos jornalísticos com a Identidade, consideramos que a Imprensa produz sentido, então, por meio de uma insistência de figuras, sínteses-narrativas e de representações, que constituem o “imaginário social”, conforme reflete a AD francesa:

Fazendo circular essas figuras, ela [a imprensa] constrói uma “história do presente”, simulando acontecimentos-em-curso que vêm eivados de signos do passado. Se analisarmos o funcionamento discursivo da mídia, poderemos entrever esses movimentos de resgate da memória e de estabelecimento do imaginário de uma identidade social. (GREGOLIN, p.96, 2003).

Portanto, essa relação é o ponto de partida, percurso e chegada, para compreendermos como as práticas discursivas produzidas na imprensa, produzem sentidos que podem alimentar um processo de julgamento e sentença, fator determinante para a (re)construção identitária de travestis e mulheres trans. Além disso, pretendemos perceber, por meio desses recursos supracitados, como os portais de notícias se utilizam de discursividades, cujos efeitos de sentido apontam similaridades e diferenças entre os aspectos das notícias, apuração e checagem, com relação ao mesmo caso. Por fim, buscaremos encontrar, nos enunciados, sentidos que reproduzem estigmas e preconceitos históricos atinentes à elaboração de categorias identitárias.

3.1 O percurso da pesquisa

Os objetos da pesquisa são 3 notícias de mortes de travestis e transexuais, que aconteceram em João Pessoa e outras cidades ao redor, no ano de 2020. Os casos foram mapeados por meio de um levantamento⁴ que considerou: a busca pelo fato noticiado, se foi publicado nos três portais a fim de captar as interdiscursividades entre eles, e se houve repercussões a partir dos desdobramentos das investigações.

⁴ O levantamento foi realizado durante os meses de setembro e outubro de 2021. Utilizamos palavras-chave para encontrar as notícias de crimes contra travestis e transexuais na Paraíba, na ferramenta de busca Google. Paralelamente, comparamos os casos com os dados disponibilizados pela Secretaria do Estado da Segurança e da Defesa Social (SESDES), a fim de encontrar discrepâncias no processo de noticiabilidade da Imprensa no estado.

A primeira notícia selecionada foi sobre a morte de uma travesti conhecida como Sheila, que morreu no dia 18 de novembro de 2020. O corpo dela foi encontrado embaixo da cama do quarto de um motel de João Pessoa⁵, após ter sido enforcada com um lençol. A mesma notícia foi publicada nos portais g1, T5, e Correio, da TV Cabo Branco, afiliada Globo na Paraíba, da Rede Tambaú de Comunicação, afiliada SBT no mesmo estado, e da afiliada Record, respectivamente. A escolha dessa pauta acontece por identificar, nos três portais, práticas discursivas diferentes, com desdobramentos, fontes e nomenclaturas que dão completude à identidade travesti construída sócio-historicamente. Outro fator determinante foi o local do crime: uma pousada que recebe clientes, geralmente, para encontros casuais, localizada na Rua da República, no centro da capital paraibana. A região também é conhecida como “ponto de prostituição”, o que na maioria das vezes é atribuído como profissão inerente às travestis e mulheres trans, até mesmo como principal causa dos assassinatos e outros crimes.

Outra notícia selecionada para esta pesquisa foi veiculada apenas no portal Correio e g1. Trata-se da morte de uma travesti sequer identificada pelos dois portais. O crime aconteceu no dia 6 de abril de 2020, na cidade de Bayeux, que fica a aproximadamente 7 quilômetros de João Pessoa. O que nos chamou atenção foi a abordagem com poucos detalhes dos portais, que abriu mão das técnicas de jornalismo investigativo e só contou o fato, sem checagem e apuração de maneira ampliada, apenas com a versão da Polícia Militar. Somente 1 dos 2 portais mencionou a possível motivação do crime, ainda assim, levantada pelo órgão de segurança pública.

Por fim, a terceira notícia pauta a morte de Doroty, travesti que foi assassinada a tiros no dia 26 de julho de 2020, em Caaporã, no Litoral Sul do estado. Os portais T5 e g1 noticiaram o caso, também com diferentes apurações e checagens. No entanto, também não houve desdobramentos ou informações além do que foi informado pela Polícia Militar e Civil, sob a ótica da culpabilização atribuída à vítima porque ela foi encontrada com entorpecentes. Dentro das narrativas, a apuração de um dos portais menciona que o bar, onde aconteceu o crime, estava fechado. Os responsáveis pelo bar não deveriam ser ouvidos e investigados sobre o caso? Houve esse questionamento à Polícia Civil por parte da imprensa?

São essas as questões e concepções que norteiam o percurso teórico-metodológico deste trabalho, que recorre aos autores e estudiosos da Análise do Discurso, ou qualquer autor que porventura dialogue com os objetivos propostos, para discutir as condições de produção

⁵ Capital da Paraíba, estado da região Nordeste do Brasil.

do discurso, os preceitos sócio-históricos e ideológicos que circulam na linguagem, pensando a Identidade como instrumento relativamente coercitivo da Imprensa.

4. ONDE SE (RE)CONSTRÓI A IDENTIDADE

Como pensar a emergência da(s) identidade(s) na nossa sociedade, neste momento em que há uma imensa circulação de sentidos produzidos em inúmeros suportes midiáticos?

— Rosário Gregolin

Este capítulo concentra as observações e análises dos enunciados presentes em notícias dos veículos de imprensa g1 Paraíba, portal T5 e portal Correio. Primeiro, discutiremos as narrativas e formatos de abordagem dos portais paraibanos com relação à morte de Sheila, travesti que foi morta por asfixia em um quarto de pousada. Na segunda seção, analisaremos o caso de uma travesti que foi morta a tiros enquanto consumia bebida alcoólica na casa de uma amiga; nas notícias aqui elencadas, ela sequer foi nomeada, e não há um depoimento da amiga, tampouco sua identificação. Por último, nos atentaremos ao caso de Doroty, que também foi morta por assassinato. Nos três casos, ressaltamos que não solicitamos respostas à Polícia Civil da Paraíba, responsável pelas investigações, apenas nos concentramos nos objetivos já descritos nos capítulos anteriores.

4.1 Análise verbo-visual da cobertura de morte de travestis

A problemática das análises, antes das discussões sobre os recortes de notícias, fundamenta-se nos seguintes apontamentos: em 2020, foram registrados 5 assassinatos de travestis e mais 2 de mulheres trans no estado da Paraíba⁶. Esses dados são subnotificados, tendo em vista as barreiras encontradas por ONGs, Instituições da Sociedade Civil, e do Governo, que deixam lacunas, muitas vezes impossíveis de serem sanadas.

Outro ponto a se considerar nestes números, e que se configura como a principal lacuna, é que muitas vezes a identidade de gênero no CVLI não é identificada. Seja por motivos de a identidade de gênero da vítima não ser de domínio público, seja porque a família nega a sexualidade e/ou a identidade de gênero da vítima. Nessa perspectiva, iniciamos as discussões a partir da seguinte problematização: por que, ao realizarmos um levantamento de notícias publicadas sobre mortes de travestis, não encontramos notícias de todos os casos

⁶ Dados foram obtidos, por meio da Lei de Acesso à Informação, à Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (SEMDH), da Paraíba.

registrados nos sistemas de informação, que cotidianamente pautam assuntos do jornalismo policial?

Com essa inquietação, partimos da influência que o mercado opera nos critérios de seleção de notícias. Primeiro, há de se considerar que as notícias passaram por diversas transformações ao longo do tempo. Isso se conecta com os avanços não só no campo informacional e de comunicação, mas também nas suas técnicas de elaboração. No cotidiano jornalístico, costuma-se definir, dentro das redações, uma linha editorial ou uma padronização do processo de produção [da informação], para que os profissionais, jornalistas e repórteres, produzam conteúdos semelhantes ou afins. Segundo Marcondes Filho:

Na verdade, a decisão de fechar o universo de acontecimentos em torno de alguns fatos prioritários revela a decisão ideológica de selecionar o que vai ser trabalhado, assim como que espaço ganhará, que enfoque terá, de que lado se ficará. Esse nível de controle relativiza o universo de acontecimentos aos únicos que interessam momentaneamente à empresa. (MARCONDES FILHO, 1989, p. 99)

Em outras palavras, os fenômenos sociais não se reproduzem no jornalismo sem interferências do caráter liberal, ao qual se inserem as redações na atualidade. Portanto, há uma tendência de encobrimento dos fatos segundo o interesse econômico das empresas. Marcondes Filho (1989) evidencia, também, que essa verticalização é responsável pela disseminação de um determinado grau de apatia e amorfismo dos profissionais de Imprensa no Brasil. Dessa forma:

O importante é conseguir vender mais, investir para que as matérias gerem polêmicas, repercutam na sociedade. [...] o sucesso de uma matéria significa atrair também o olhar empreendedor dos anunciantes e, conseqüentemente, gerar mais lucro para a empresa. Numa sociedade capitalista como a nossa, esse seria o tempero a mais, indispensável para a sobrevivência de um veículo de comunicação. (ASSIS, 2015, p. 198)

Por outro lado, a apuração dos fatos é uma das fases mais importantes do processo de elaboração de notícias. Isso vai definir, a partir do grau de investigação, que leitor/consumidor buscará a informação produzida. Cabe aqui salientar que, mesmo se um texto jornalístico não for bem elaborado ou necessitar de informações mais aprofundadas, também existirão consumidores para esse tipo de conteúdo. No entanto, uma informação contida em uma reportagem divulgada em um portal de notícias, que não saiu em outro veículo, fomenta uma hierarquia de credibilidade, que não é estática, sempre está em movimento. É, portanto, a apuração das informações que vai definir a credibilidade (TRAQUINA, 2005).

Antes do aparato tecnológico que propiciou o avanço do Webjornalismo, o repórter

precisava ir a campo para checar os factuais⁷ (fazer entrevistas, fotografar, ouvir as fontes). Essa prática diminuiu muito com a Internet. Hoje, a maioria dos profissionais da Imprensa obtém informações mais rapidamente, por meio de computadores, celulares e fontes-locais, caracterizando a instantaneidade da informação. A consequência desse processo, no entanto, é a fragilização do processo de apuração dos fatos que, em tese, demanda mais cuidado para que exista veracidade e fidelidade ao acontecimento. Somado à essa perspectiva:

Impõem-se, assim, ao trabalho jornalístico padrões e regras somente compatíveis com um modelo industrial de produção em série, no qual as pessoas envolvidas com a produção têm a única função de reproduzir o novo de forma sempre igual. As notícias são diferentes (afinal, o valor de uso tem de ser renovado diariamente, pois a perecibilidade da mercadoria é muito rápida) para que a empresa continue operando no mercado, mas a produção é sempre igual. Jornalismo, sob as condições atuais, não passa de reprodução cotidiana do mesmo, sempre com nova fachada. (MARCONDES FILHO, 1989, p. 99-100)

No entanto, esses moldes inerentes ao jornalismo, não implicam necessariamente que o tempo sobre o qual se projeta/investe esteja finalizado. Paralelamente, o fim de uma história não significa que o passado do qual ela está inserida seja concluído. “O tempo pode voltar nas dobras da memória, fazer rever e repensar sua história” (GREGOLIN, 2003, p. 115). Mesmo imerso a esta realidade, as discussões a seguir propõem uma reflexão sobre esses aspectos que fragilizam cada vez mais o desenvolvimento e a quebra de paradigmas envoltos à sociedade.

4.2 Sheila debaixo dos lençóis: morreu por que mereceu?

Era noite de terça-feira, 17 de novembro de 2020, quando Sheila deu entrada em uma pousada na cidade de João Pessoa. Com ela, estava um homem que poderia ser o seu companheiro. A noite que, teoricamente seria de amor e intimidade, acabou em uma prática criminosa: a morte dela. O corpo de Sheila foi encontrado 24h depois, embaixo da cama. A partir daí, a Polícia Civil esteve no local e iniciou os procedimentos legais para investigar o caso. É esse o ponto de partida da Imprensa, responsável por apurar e divulgar o ocorrido como notícia factual.

Vejamos como noticiaram os portais g1 Paraíba, T5 e Correio, a partir de desdobramentos sobre o mesmo caso. Aqui, observamos quais informações foram consideradas relevantes pelo olhar jornalístico, além das similaridades e diferenças entre as abordagens. Com essa perspectiva, identificamos as práticas discursivas que produzem

⁷ Acontecimentos do cotidiano, como roubos, mortes, sequestros: típicos do Jornalismo Policial.

sentidos e (re)constroem a Identidade travesti.

Figura 1 - QR Code - Notícia da morte de Sheila - g1 Paraíba

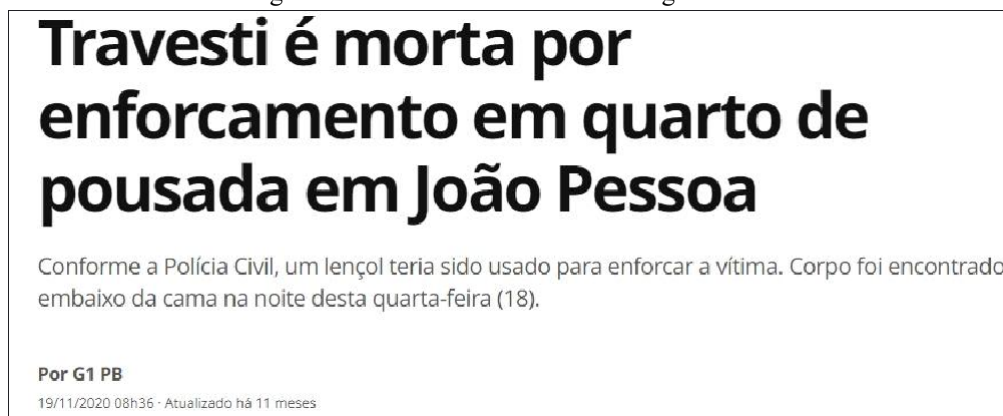


Fonte: Elaborada pelo autor

O portal g1 Paraíba tem a maior audiência do estado e sai na frente por ser comandado pela redação da TV Cabo Branco, emissora afiliada da Rede Globo. Por essa razão, a responsabilidade com os processos de produção da notícia é fator considerável para os jornalistas locais. O retorno da audiência às notícias, provocado pela interatividade no Webjornalismo, configura-se um dado relevante que pode causar impactos em decisões estratégicas dos veículos jornalísticos.

A notícia da morte de Sheila, publicada na manhã do dia seguinte em que o corpo dela foi encontrado na pousada, traz o seguinte enunciado:

Figura 2 - Notícia da morte de Sheila - g1 Paraíba



Fonte: g1 Paraíba⁸

Considerando que, para a Análise do Discurso, o texto verbal é a materialidade em que operam os discursos, o uso do termo “travesti” para chamar a notícia no título, por um veículo de Imprensa, destaca a necessidade do portal em reafirmar o sujeito-alvo da ação. Aparentemente inofensivo, o termo retoma a concepção histórica de que a morte de travestis

⁸ Disponível em

<g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/11/19/travesti-e-morta-por-enforcamento-em-quarto-de-pousada-em-joao-pessoa.ghml>. Acesso em 10 de outubro de 2021.

era considerada “normal” ou “justificável”, geralmente com base em preceitos religiosos, configurando-se, então, como discurso, “que insiste em nos lembrar que a história se repete” (NAVARRO-BARBOSA, 2003, p. 122).

O uso da preposição “por” também possibilita um sentido de causa e consequência a partir da condição de produção que insere o enunciado, como se a posição-sujeito de Sheila, enquanto travesti, justificasse a causa da morte. Segundo NAVARRO-BARBOSA:

A Formação Discursiva no interior da qual o enunciadador do texto verbal se posiciona investe seu discurso do gênero discursivo informativo, que se caracteriza pelo predomínio do relato dos fatos e não pela opinião sobre eles. [...] Tais mecanismos criam o efeito de sentido de objetividade (o recurso à narração em terceira pessoa faz com que o acontecimento seja contado por si próprio), e o efeito de sentido de imparcialidade, pois o acontecimento é historicizado sem que haja nenhuma colocação de valores. (NAVARRO-BARBOSA, 2003, p. 120)

Dessa forma, o portal g1 se posiciona apenas como narrador dos fatos, pregando uma falsa isenção, por meio de técnicas e roupagens convenientes ao que se pretende enunciar. Porém, “mesmo que procurem passar uma aparente neutralidade, os discursos apresentados nos veículos de informação sempre revelam, de forma mascarada, um posicionamento ideológico em relação aos fatos” (ASSIS, 2015, p. 181). O repórter que escreveu a notícia exerce, nesse sentido, uma posição de “contador de história”, que narra:

Conforme os efeitos de sentido que pretende instaurar, desloca elementos “guardados”, através de mecanismos e instrumentos técnicos de que se apropria para fazer voltar o passado no instante midiático. Sendo assim, quando se subjetiviza enquanto “guardião do tempo”, atua também, com um aspecto de vigilância e controle das atitudes da própria sociedade. (ASSIS, 2015, p. 152).

Outro aspecto discursivo presente na notícia do g1 é o uso da informação do local do crime no título, que também remete à noção de espaço. O uso da expressão linguística “em quarto de pousada” conduz o sujeito-leitor à cena do crime. Esse discurso ativa uma memória coletiva em que estão inseridos os sujeitos. Segundo Gregolin (1997, p. 56), “a interpretação de temas ressignificados mostra que o discurso, a história e a memória constroem movimentos de sentidos”. O resultado dessa relação, todavia, é o lugar conhecido sócio-historicamente que dialoga interdiscursivamente com outra perspectiva: a das pousadas como espaço de prática sexual.

Dessa forma, o sujeito-leitor revisita, através da Formação Discursiva, o viés religioso que condena, a partir do sentido interdiscursivo do pecado, a vontade carnal e os desejos, configurando o local como espaço de prostituição e prática demoníaca, que foge à perspectiva

de santidade divina. Isso acontece porque, ao observarmos as condições de produção do discurso, o crime aconteceu em uma cidade predominantemente religiosa-cristã. É, portanto, um ângulo constituído de efeitos de sentido, da produção de verdades instauradas sob dogmas históricos.

Além disso, a noção de espaço possibilita, também, o discurso de culpa, do “plantar e colher”. O fato de que, por estar em uma pousada e morrer lá dentro, mesmo através de uma prática criminosa e transfóbica, há discursividades que traduzem sentidos de indiciamento a Sheila, como responsável por sua própria morte, porque escolheu ir até o local para praticar um ato pecaminoso, condenatório, abominável, que se traduz no enunciado “Morreu porque mereceu!”

Também percebemos um enunciado no texto do subtítulo que constrói sentidos. A notícia elucida uma informação dada por uma fonte oficial: a Polícia Civil, que é base postular de todo o texto jornalístico aqui analisado. Essencialmente, o discurso policial consubstancia-se persuasivo porque tenta convencer, transformar e materializar os sentidos de acontecimentos policiais: crimes, em sua maioria. Esse discurso foi construído sócio-historicamente e se dá, nessa tessitura, a partir da Formação Discursiva do sujeito-policial, ou através da Justiça, do discurso jurídico.

Somando-se a isso, a Polícia, em qualquer instância, configura-se como o órgão responsável pela segurança e por proporcionar tranquilidade pública. Essa é, portanto, a posição-sujeito do delegado presente na imagem. Conforme o conjunto imagem+texto, que configura uma prática discursiva, o delegado, enquanto fonte oficial, usa frases imperativas (de ordens), estruturadas em frases curtas. De acordo com BRASIL:

A decisão de realizar uma abordagem e o procedimento adotado não devem ser motivados por desconfianças baseadas no pertencimento da pessoa a um determinado grupo social, pois seria no mínimo, uma abordagem baseada numa atitude preconceituosa. (BRASIL, 2013, p. 16).

Mesmo assim, o que se percebe, a partir da notícia do portal g1, é a predominância do discurso policial que, na prática discursiva, incide para o olhar unilateral do acontecimento, baseado em evidências, sem sequer trazer apontamentos obtidos pela investigação. Mas isso não ocorre à toa. “Os dizeres ressurgem mediante relações de poder, um poder que circula, que controla seu dizer cristalizado na imprensa” (ASSIS, 2015, p. 194-195). Compreende-se, então, que a Imprensa funciona como lugar de circulação de poder, mas não só isso, também exerce poder e o (re)produz a partir de práticas discursivas, desde a busca por pautas, seleção

de fontes e processo de noticiabilidade. É o espaço de legitimação de “verdades”, como “historiadores” do tempo. Conforme ASSIS:

Representadas por estratégias discursivas que (re)contam e ressignificam o dizer, vão atuando no universo social numa “cultura do espetáculo” com enunciados que atraem seus sujeitos-leitores, com jogos de representação constituídos por fotografias, frases, cores que compõem suas páginas semanalmente, polemizando os acontecimentos jornalísticos, noticiando os fatos, enfim, reescrevendo a história. (ASSIS, 2015, p. 203)

Questionamos, no entanto, a razão pela qual o portal g1 afirma a causa da morte no título da notícia e, logo abaixo, contradiz discursivamente a chamada ao dizer que “um lençol teria sido usado para enforcar a vítima”. Para ASSIS (2015, p. 161), isso acontece porque “os fatos, os acontecimentos jornalísticos precisam aparecer de uma forma que atraia o leitor, como uma boa comida que desperte o paladar do faminto”. Sendo assim, não importa se os sentidos podem levar a esses gestos de interpretação, o que vai definir o conteúdo jornalístico são as “articulações discursivas, que estabelecem um diálogo entre o verbal e o não-verbal cujos sentidos vão se articulando e contribuindo para atrair o leitor do início ao fim da matéria (ASSIS, 2015, p. 175). É isso que gera lucro e retorno para as empresas jornalísticas.

Por falar em não-verbal, a notícia tem uma imagem, feita em *print screen*, do telejornal Bom Dia Paraíba⁹, exibido sempre nas primeiras horas da manhã na programação local. No texto visual, está a imagem de Sheila, em foto no formato 3x4, na parte central da tela. Ao canto lateral esquerdo, na parte de baixo, está a repórter entrevistando o delegado que está à frente do caso.

Figura 3 - Notícia da morte de Sheila - g1 Paraíba



Fonte: g1 Paraíba

⁹ Primeiro telejornal diário da TV Cabo Branco, da Rede Paraíba de Comunicação. São três na grade do canal jornalístico: Bom Dia Paraíba, JPB1 e JPB2.

A princípio, destaca-se aqui a importância, ao fazer do jornalístico, do uso de imagens. “Com a fotografia, busca-se construir um maior efeito na notícia” (ASSIS, 2015, p. 166). Nesse sentido, cria-se um cenário discursivo, que possibilita sentidos relacionados à composição da notícia enquanto produto jornalístico: a investigação, a procura pela informação, o ato de ouvir fontes oficiais, de identificar a “vítima”, de levantar a bandeira do jornalismo enquanto ativista social.

O objetivo, aos olhos da Análise do Discurso, nada mais é do que um “discurso de autopromoção, que busca estabelecer uma relação de proximidade com os sujeitos-leitores. Com esse discurso, o veículo se coloca como único no mercado e articula uma “encenação”, um jogo de representação” (ASSIS, 2015, p. 191). Dessa forma, a Imprensa atua pela representação e busca estabelecer um diálogo, através disso, com os receptores (consumidores).

Cabe ressaltar que a imagem, utilizada no telejornal e, sobretudo, no portal da mesma emissora, é a que está na Cédula de Identidade¹⁰ de Sheila, que fica mais evidente em outra notícia sobre o mesmo caso, publicada em um portal de notícias concorrente, o portal T5. A respeito disso, trataremos nos enunciados a seguir.

Figura 4 - QR Code - Notícia da morte de Sheila - Portal T5



Fonte: Elaborada pelo autor

Informações sobre a morte de Sheila também foram divulgadas no portal T5. O site pertence à TV Tambaú, de João Pessoa, subsidiária do Grupo Marquise, que também comanda a rádio Jovem Pan FM João Pessoa. A notícia foi publicada ainda na noite do crime, quando o corpo foi encontrado na pousada. O que nos chama atenção é o enunciado presente no título, que aborda o acontecimento diferente da maneira que o portal g1 divulgou. Além disso, não é “vendida”, na chamada, a informação de que o corpo foi encontrado em uma pousada. Essa informação se concentra apenas no subtítulo. No entanto, o T5 aponta o local

¹⁰ Registro Geral (RG): documento nacional de identificação civil no Brasil.

como “Centro de João Pessoa”, que também direciona o sujeito-leitor para a cena do crime.

Considerando os aspectos sócio-históricos e as condições de produção dos sentidos, o enunciado “Centro de João Pessoa” traz à tona aspectos físicos, sociais e operacionais do local. Primeiro, o espaço se configura como coletivo urbano de pessoas em situação de rua, ponto de tráfico de drogas, práticas constantes de assaltos e furtos, várias casas que funcionam como cabarés e espaços de prostituição. Em contrapartida, é um local que detém um dos maiores comércios da capital paraibana, marcado pelo tradicionalismo, parte da história da Fundação da Paraíba, onde residiam os senhores de engenho, latifundiários, fazendeiros e políticos.

A partir dessas configurações, o corpo achado nesse local pode gerar múltiplos sentidos. Se na notícia que usou “pousada” para destacar o local do crime, houve uma interdiscursividade com o discurso religioso, aqui, ao mencionar um espaço geográfico, os sentidos se dão pela correlação do sujeito-discursivo com o espaço, partindo do pressuposto de que “o discurso acontece sempre no interior de uma série de outros discursos, com os quais estabelece correlações, deslocamentos, vizinhanças” (GREGOLIN, 2006, p. 32). Encontramos, portanto, “na forma de (re)dizer, de ressignificar a história, rastros de sua formação discursiva” (ASSIS, 2015, p. 291), local onde estão as ideologias, a historicidade, as condições de produção dos discursos. É preciso recorrer a esse mecanismo para gerar sentidos. Dessa forma, o discurso jornalístico busca, no entrecruzar do “ontem” e do “hoje”, criar um efeito de representação, estabelecendo um jogo entre o que seria real e o que seria ficção; constrói a realidade e, ao brincar com o passado e o presente, estabelece efeitos de sentido (ASSIS, 2015, p. 291).

Dessa forma, a partir da historicidade do sujeito, todo o aspecto negativo pode, possibilitado pelos sentidos, posicionar discursivamente a figura de Sheila. Não só constituindo a posição-sujeito como frequentadora daquele espaço, os sentidos vão além. É Sheila quem estava em um espaço de criminalidade, de práticas “ruins” e, portanto, culminaram em sua morte. São os elementos discursivos que compõem a cena que vão elucidar esses sentidos. Por se tratar de um sujeito travesti, cria-se discursivamente um elo entre sujeito e espaço, que resulta em nuances de interpretação, levando sempre o sujeito-leitor a responsabilizar Sheila pela própria morte.

Essas práticas discursivas também culminam outra realidade que engloba travestis e mulheres trans: a prostituição como única alternativa de vida. Pensando esse aspecto enquanto resultante histórico, recorreremos aos dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), que afirma a inserção de pelo menos 90% das travestis e transexuais inseridas na

prostituição, seja devido à evasão escolar, à falta de um núcleo ou apoio familiar, carência de políticas públicas para inserção social, à transfobia e, sobretudo, às dificuldades do acesso ao mercado de trabalho formal. No entanto, pensar os "profissionais do sexo" pelo ângulo do ato sexual é disassociar o caráter plural das identidades. A prostituição, nesse sentido, possui múltiplas formas de trabalho, ambientes e pessoas, cuja relação produz significados e identidades dificilmente definidas, mas que estão sempre em mobilidade. Dessa forma, a desvalorização ocorre em função da condição de gênero de travestis e transexuais, que se expressa na postura de subalternidade estabelecida através dos efeitos de sentido provocados pelas discursividades inseridas nas notícias.

A essa prática discursiva, que caminha e se entrelaça pelos portais g1 e T5, mesmo com os enunciados e processos discursivos inseridos em diferentes lugares, também consideramos o que foi informado no subtítulo (abaixo do título) da publicação, portanto, um “novo” enunciado. Vejamos:

Figura 5 - Notícia da morte de Sheila - Portal T5



Fonte: Portal T5¹¹

Diferente do que foi publicado no g1, o T5 informou que a morte teria acontecido ainda pela manhã do dia 18 de novembro. No entanto, a informação circunscreve o discurso policial, em sua totalidade, para enunciar. Ao meu ver, por que os portais de notícias não procuraram a pousada para precisar essas informações, já que a Polícia Civil só levantou possibilidades? É nesse impasse que se respalda a informação jornalística?

Figura 6 - Notícia da morte de Sheila - Portal T5

¹¹ Disponível em

<www.portalt5.com.br/noticias/single/nid/travesti-e-encontrada-morta-com-sinais-de-asfixia-no-centro-de-joao-pessoa/>. Acesso em 27 de outubro de 2021.



Fonte: Portal T5

A própria foto que foi usada na matéria, enquanto prática discursiva, possibilita uma série de questionamentos aos olhares do analista do discurso. Trata-se, no discurso verbo-visual, de uma sirene com as luzes vermelha e azul, que possibilitam o sentido de “alerta”. É o aviso, quando a viatura policial passa transitando, de que uma ação/investigação pode estar em andamento. Por essa razão, a notícia sobre a morte de Sheila, publicada no portal T5, reflete a cisão entre informação e instituição de poder, nesse caso, do discurso jurídico/policial. As luzes da viatura contidas na imagem que abre a matéria retomam a posição de vigilância da Imprensa, a partir de “um olhar que, em certo sentido, materializa o panóptico¹² citado por Foucault, como um olho que tudo vê” (ASSIS, 2015, p. 215).

O que nos inquieta é o fato de que, nessa relação, são ignorados alguns critérios de noticiabilidade. Primeiro, a notícia policial pauta a morte de um sujeito-travesti, a Polícia só faz, nesse sentido, o papel de investigação e deve, através dos recursos legais, procurar e prender quem cometeu o crime. Segundo, o sujeito-alvo da ação é considerada minoria social, que historicamente foi construída sob a égide de preconceitos e discriminação. Terceiro, porque o trabalho jornalístico, ao “ligar as informações à prática concreta do receptor significa, assim torná-lo agente da transformação e não simplesmente “mais conhecedor” (MARCONDES FILHO, 1989, p. 156). Que lugar a Imprensa ocupa, então, ao ouvir somente informações policiais para produzir notícias?

Problematizando esses sentidos, fomos em busca de um possível desdobramento do portal T5 para o caso Sheila. Na expectativa, sobretudo, de que o tempo poderia ter prejudicado a apuração, já interferida pelo *deadline*¹³ da redação. Positivamente, encontramos

¹² O filósofo francês, ao mencionar o termo “panóptico” em seu livro *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão* (1976), utiliza o modelo de panoptismo a partir do conceito de prisão, criado no século XVIII (18), pelo filósofo inglês Jeremy Bentham. O conceito possibilita a ideia de “visão total”, com amplitude e diversidade de olhares. Segundo o autor, “pan” significa tudo e, “óptico”, visão. Portanto, visão de ou sobre tudo.

¹³ No Jornalismo, é o tempo máximo/limite para produção e entrega de uma matéria ou tarefa.

uma notícia suíte, publicada no dia 19 de novembro de 2020, 2 dias após sua morte. Como fontes para a reportagem, foram ouvidos: a tia, novamente a Polícia, e testemunhas que estavam no local. Também há uma posição da perícia criminal, mesmo preliminar, que confirmou, apenas, a morte por assassinato, mas permaneceu em investigação com relação à morte por asfixia.

Figura 7 - QR Code - Notícia suíte da morte de Sheila - Portal T5



Fonte: Elaborada pelo autor

Outro aspecto importante que está na reportagem é a informação com detalhes sobre o local, que altera o caráter identitário possibilitado pela condição de produção dos sentidos da primeira matéria do T5 sobre o caso. Agora, é identificada a rua onde fica a pousada (local do crime). Há também o nome social e o nome civil da travesti; na matéria anterior, só havia o primeiro nome (Sheila), como era conhecida.

Figura 8 - Notícia suíte da morte de Sheila - Portal T5



Fonte: Portal T5¹⁴

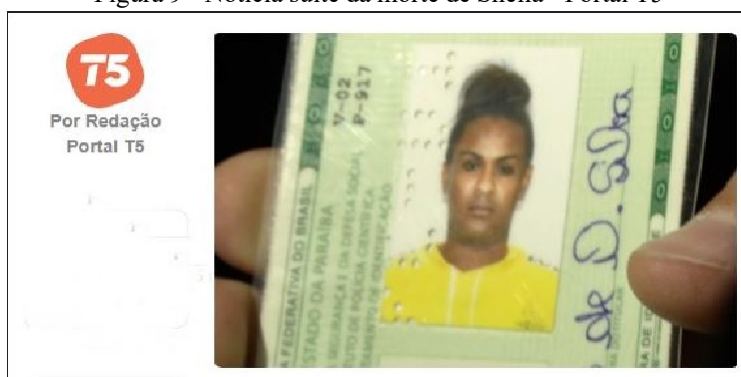
Um detalhe também importante é que as testemunhas informaram que o homem, que entrou com Sheila na pousada, ficou apenas 20 minutos lá dentro, depois saiu. A tia, inclusive, mencionou, segundo o T5, que se tratava de seu companheiro, que mantinham um

¹⁴ Disponível em

<www.portalt5.com.br/noticias/single/nid/travesti-encontrada-morta-em-jp-sofria-homofobia-e-vivia-relacionamento-abusivo-revela-tia/>. Acesso em 17 de outubro de 2021.

relacionamento abusivo e que ela sempre chegava em casa com hematomas desde que começou o namoro com o possível suspeito. Já na imagem, não temos mais a foto de uma viatura policial abrindo a manchete. Há, todavia, uma foto do documento de identidade de Sheila, que está segura em uma mão, possivelmente de sua tia. Dessa forma, "as cores, as fotografias, o jogo de relações entre os aspectos gráficos e icônicos reativam a memória discursiva do leitor" (ASSIS, 2015, p. 192).

Figura 9 - Notícia suíte da morte de Sheila - Portal T5



Fonte: Portal T5

Esse efeito de reativação da memória discursiva retoma outra discussão requisitada pelos objetivos dessa pesquisa: o lugar transitório da identidade, provocado pelo desenrolar das malhas que regem o discurso jornalístico. Na primeira notícia do T5, Sheila não existia no aspecto imagético, estava no imaginário, a partir das práticas discursivas que circulavam na materialidade linguística da notícia. O foco era, no entanto, o discurso policial. Agora, a imagem “aproxima o leitor do rosto da vítima, marcado por hematomas, cicatriz e curativo. Ela apresenta não mais o antes ou o durante, mas o depois. Não mais a própria cena registrada, mas a cena da ação histórica” (NAVARRO-BARBOSA, 2003, p.122).

Dialogando com essa perspectiva, também contracena o poder de evocação do uso da imagem do documento de Sheila na matéria. Isso quer dizer que, ao entrar em contato com as imagens, são despertadas, a partir da memória, lembranças de experiências e formas de outras imagens. Isso acontece porque:

Esse poder de evocação da imagem vem perturbar seu efeito de transparência, pois interpretamos e sentimos as imagens, ao mesmo tempo, através da maneira pela qual ela nos é mostrada e através de nossa própria história, individual ou coletiva. É por isso que, tratando-se da imagem, exceto se julgamos as coisas de um ponto de vista moral, não se pode dizer: “uma morte é igual a uma outra morte”. Dependendo de como eu a contemplo, como telespectador implicado no acontecimento ou não, partidário de tal ou qual facção, próximo ou não da vítima; dependendo da maneira

como vejo essa morte, como um resultado ou como um processo. (CHARAUDEAU, 2015, p. 255-256).

Esse efeito também é potencializado na cabeça da matéria. Houve uma “humanização” da pauta ao usarem, através de paráfrase, uma fala da tia de Sheila. Reconfigura-se, portanto, o processo de noticiabilidade e, ligada a isso, a posição-sujeito que antes Sheila ocupava. Agora, a notícia com desdobramentos possibilita o lugar de “vítima”. Sheila poderia ter sido alvo, nesse sentido, de um crime transfóbico, mesmo que isso não tenha sido pautado ou levantado pelo portal. O que permeia esses sentidos é a composição de elementos inseridos na “nova” matéria. A identidade vai, no caminhar discursivo, intercalando diferentes posições, olhares e sentidos. É, portanto, formada “através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2006, p. 38).

Além das notícias publicadas nos webjornais (portais de notícia) g1 e T5, também encontramos, a partir do levantamento, uma notícia sobre a morte de Sheila publicada no portal Correio. Consideramos, *a priori*, o fato de que as informações que circulam nesse veículo passam por uma linha editorial que segue a ideologia empresarial e, sobretudo, religiosa, já que a TV Correio é afiliada à Record, de propriedade do Bispo Edir Macedo¹⁵.

Figura 10 - QR Code - Notícia da morte de Sheila - Portal Correio



Fonte: Elaborada pelo autor

Ao observarmos o título da notícia, percebemos uma similaridade entre a materialidade linguística do portal Correio e do portal g1, em sua primeira matéria publicada sobre a morte de Sheila. Ambos os portais enunciam o local onde o corpo foi encontrado, porém, na chamada que o Correio realiza, a utilização do enunciado “achada” possibilita novamente o sentido de causa e consequência.

¹⁵ Edir Macedo Bezerra é um bispo cristão-evangélico, que utiliza os meios televisivos para “propagar a fé”. Além de empresário do ramo televisivo, ele é o fundador e líder da Igreja Universal do Reino de Deus.

Figura 11 - Notícia da morte de Sheila - Portal Correio

Fonte: Portal Correio¹⁶

É como se o fato de ser travesti proporcionasse, condicionalmente, a forma como ela morreu, que não está contida no título, mas no *lead*¹⁷ da matéria, como possibilidade levantada, também, levantada pela Polícia Civil. Outra prática discursiva acontece a partir da informação dada pelo portal de que o corpo encontrado é, segundo a Polícia, de Marcos Paulo - e não de Sheila, cujo nome social foi adotado por ela. Apesar do uso linguístico-discursivo de pronomes do gênero feminino (dela), ao informar de que o suspeito de cometer o crime seria o seu companheiro, a prática se configura discursivamente. Vejamos:

Uma travesti de 27 anos foi achada morta em baixo da cama de um quarto de pousada, no Centro de João Pessoa, na noite dessa quarta-feira (18). Identificada pela polícia como Marcos Paulo, a vítima teria sido morta por enforcamento, com um lençol da pousada, e o suspeito seria o companheiro dela. (PORTAL CORREIO, 19/11/2020).

Esse lugar atribuído a Sheila, pela prática discursiva do portal Correio, relembra-nos o que Clarice Lispector já questionava, como uma espécie de monólogo, no romance póstumo “Um sopro de vida”, de 1978. “Existir me dá às vezes tal taquicardia. Eu tenho tanto medo de ser eu. Sou tão perigoso. Me deram um nome e me alienaram de mim”. A figura do eu-lírico que enuncia ocupa a posição-sujeito tal qual Sheila, que teve o nome civil estampado nos discursos de sua morte, em detrimento do nome pelo qual ela se identificava. Para analisarmos essa prática discursiva, partimos do pressuposto de que, historicamente, instaurou-se a inteligibilidade de gênero a serviço do imperativo heterossexual, isto é, “o gênero ganha vida a partir de uma estilística definida como apropriada, ou seja, através de roupas, gestos, comportamentos: sinais exteriores que estabilizam e dão visibilidade ao corpo

¹⁶ Disponível em <www.portalcorreio.com.br/travesti-e-achada-morta-em-quarto-de-pousada-de-joao-pessoa/>. Acesso em 17 de outubro de 2021.

¹⁷ Nilson Lage, em sua obra “Estrutura da Notícia” (1986), define “lead” como o ponto de encontro das principais informações da notícia, que se localizam no primeiro parágrafo da notícia. Segundo o autor, elas têm o objetivo de despertar a intenção do leitor, por isso os principais detalhes do fato noticiado precisam estar contidos nele.

(BUTLER, 2019).

No sistema jurídico brasileiro, o nome é um direito garantido à "pessoa". Desde criança, o discurso médico produz um efeito impositivo para determinar, através do sistema binário sexual (masculino e feminino), que posição-sujeito os bebês terão. O gênero do nome é resultado dessa produção discursiva. No entanto, cabe ao jornalismo, ao pautar assuntos relacionados a sujeitos trans e travestis, a (des)construção e respeito à autonomia que lhes é dada juridicamente.

Segundo Amaral (1996), o fato que incide nessa prática é a omissão, que para nós não importa se é provocada intencionalmente, pois a AD não considera a intenção como perspectiva de análise. O que importa, nesse sentido, é como essa omissão, ou discurso não-dito, fere, deturpa, distorce, o fato, o acontecimento, configurando, portanto, uma história (re)contada na história do seio social. O preconceito, construído sócio-historicamente, é uma das interferências à apuração jornalística (idem). Segundo Biroli:

A reprodução dos estereótipos está associada à confirmação e naturalização de padrões valorativos. Os rótulos são, ao mesmo tempo, atalhos cognitivos e efeitos dessas relações de poder. Não se trata, assim, de reduzir os estereótipos a quais categorias facilitadoras. Eles correspondem a rótulos socialmente definidos a partir das possibilidades que têm os diferentes grupos de fazer circular, e mesmo de institucionalizar, discursos que confirmam padrões morais de julgamento. (BIROLI, 2011, p.7)

Esse conjunto de instâncias de poder configuram, portanto, uma prática discursiva de exclusão, apagamento e hierarquização do sujeito trans e travesti. É justamente por esses critérios, inseridos na Formação Discursiva do jornalista ou repórter que escreveu a matéria, que a notícia não revela preocupação com a identidade do sujeito. Somado-se a isso, ressaltamos o crivo dos editores, que agem conforme as estratégias de poder que norteiam o veículo. Afinal, como essas idas e vindas da posição-sujeito que Sheila, enquanto sujeito-travesti, contribui para a reprodução da identidade sócio-historicamente construída da travesti?

A identidade está profundamente envolvida no processo de representação. Assim, a moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas. (HALL, 2006, p. 71).

A Imprensa, contudo, é responsável pela forma como se direciona aos sujeitos da informação. Sendo assim, a representação nada mais é do que o fruto desses direcionamentos construídos discursivamente. Conforme alteram-se as informações e desdobramentos (práticas

discursivas), modificam-se também as relações entre sujeitos e Identidades. Sheila, portanto, foi condenada, crucificada, apedrejada e teve, por um único momento, redenção. Porém, antes de ser dada a sentença, ela morreu enforcada pelas mãos de quem disse amá-la.

4.3 O corpo infame não identificado: quem é ela?

Na “ordem dos discursos” que aqui analisamos, está a notícia da morte de uma travesti pautada pela Imprensa paraibana, por meio dos portais Correio e g1. No levantamento que realizamos, apenas os dois veículos pautaram o crime que aconteceu no dia 6 de abril de 2020, em Bayeux, cidade que fica próxima à capital João Pessoa. De acordo com as informações das notícias, obtidas pela Polícia Civil, ela estava na casa de uma amiga ingerindo bebida alcoólica, quando um homem - não identificado - chegou ao local, efetuou disparos de arma de fogo contra ela e fugiu em seguida. O que nos inquieta, aqui, é o fato de que nas duas notícias, sequer houve a identificação da travesti assassinada. Houve interesse de ambos os portais identificarem a travesti? Existiu essa preocupação? Se a amiga estava no local e não foi alvo dos tiros, por que ela não foi questionada para dar informações sobre a travesti que foi morta? Essas perguntas problematizam os elementos das notícias, para despertar olhares e sentidos possíveis a partir dos enunciados que veremos a seguir.

Figura 12 - QR Code - Notícia da morte de travesti não identificada - Portal Correio



Fonte: Elaborada pelo autor

O que nos chamou atenção, a princípio, na matéria publicada pelo portal Correio, foi a abordagem com poucos detalhes sobre o acontecimento, que abriu mão das técnicas de jornalismo investigativo e só contou o fato, sem checagem e apuração de maneira ampliada, apenas com a versão da Polícia Militar. De todo modo, “o que está em jogo não é aquilo que é dito, mas como é dito e as condições em que foram produzidos. É, enfim, a função que os enunciados ocupam na cadeia discursiva (ASSIS, 2015, p. 60).

Na notícia publicada pelo portal Correio, são elencadas informações como: a idade, a identidade de gênero, relatos de como o crime aconteceu, local e desdobramentos após o fato.

Tudo isso acontece conforme os dizeres da Polícia. Em práticas discursivas assim, o sujeito-jornalista retoma uma posição de neutralidade, aqui já mencionada em outros enunciados, porque não se “posiciona” diretamente, nem tampouco sai do lugar de contador de histórias para investigar, buscar novas informações, cobrar das instâncias de poder responsáveis por prestar assistência à sociedade.

Ressaltamos, todavia, que “não há enunciados neutros, imparciais e o dizer do jornalista, através da e pela função enunciativa, reproduz os sentidos das condições sócio-histórica a que está submetido” (ASSIS, 2015, p. 60). Dessa forma, revela-se uma carga ideológica que conversa entre instituição (o portal), a historicidade, e outros fatores que, porventura, concebem a Formação Discursiva do sujeito-jornalista.

Os possíveis sentidos (re)produzidos por esses discursos conflitam a Identidade travesti de modo que, ao não identificá-la na notícia de sua própria morte, busca-se apagá-la da memória. O efeito desse discurso é, portanto, a invisibilidade, que também responsabiliza o sujeito-travesti pelo seu próprio desaparecimento. É como se a identidade travesti estivesse, automaticamente, condicionada a essa realidade.

Figura 13 - Notícia da morte de travesti não identificada - Portal Correio



Fonte: Portal Correio¹⁸

Esse apagamento, vale salientar, não começa hoje. Em algumas culturas, travestis e transexuais foram historicamente estigmatizadas e perseguidas devido à perspectiva da anormalidade atribuída a essa comunidade. O esteriótipo do "natural" se configura a partir do gênero atribuído desde o nascimento (relacionando-se com o sexo). Dessa forma:

Os discursos vão adquirindo características próprias de cada lugar e momento onde são produzidos, mediante cada condição de produção. É na e pela memória discursiva que podemos utilizar os discursos que nos foram repassados, das mais diversas maneiras possíveis, porque somos tomados por esquecimentos. (ASSIS,

¹⁸ Disponível em <www.portalcorreio.com.br/travesti-assassinada-tiros/>. Acesso em 17 de outubro de 2021.

2015, p. 68).

Mesmo assim, a Imprensa age no papel de fazer lembrar, de recordar, de retomar, de revisitar os possíveis enunciados que dialogam com discursos históricos. Um caso que repercutiu mundialmente foi a visita ao Brasil, em 1962, de Coccinelle, cantora francesa que dominava a casa noturna *Carrousel de Paris*¹⁹. Ela realizou o procedimento cirúrgico de redesignação genital e foi a primeira mulher trans a se casar oficialmente, com o jornalista esportivo Francis Bonnet, reconhecido pela Igreja Católica em 1960. Um episódio estampou as manchetes de jornais nacionais e internacionais: quando estava em uma loja fazendo compras, centenas de pessoas cometeram assédio contra ela, outras centenas queriam admirá-la de perto. Esse episódio histórico é, vez ou outra, retomado a partir de comportamentos e ações contra travestis e transexuais no país.

Não precisa ir muito longe para perceber como essa prática pode ser reproduzida. A Imprensa funciona como precursora dos discursos que operam essas práticas. Sobre a morte da travesti não identificada, o portal g1 também publicou uma notícia. As diferenças entre as informações que o portal Correio noticiou são, no entanto: o g1 informa que não foi um homem que efetuou os disparos contra ela, foi um grupo de pessoas. Também existe um vídeo do telejornal Bom Dia Paraíba, que narra (*off*) o fato mediante imagens do local do crime. A descrição da tarja do vídeo informa que “homens chegaram no Bairro São Bento e atiraram direto em uma travesti”, possibilitando o sentido de que ela estava jurada de morte. Ela, na posição sujeito-travesti, já estava destinada a morrer dessa forma. Esse seria o único destino ao qual ela caminhava para chegar, mais cedo ou mais tarde.

Figura 14 - QR Code - Notícia da morte de travesti não identificada - g1 Paraíba



Fonte: Elaborada pelo autor

O g1 também menciona que a amiga da vítima teria ido até o banheiro no momento do crime, mas, se a equipe de reportagem esteve no local, por que não checaram o nome da

¹⁹ Era um cabaré bastante conhecido na capital francesa, que permaneceu aberto até 2017, após um espetáculo realizado por um coletivo de drag queens.

travesti? Há, na materialidade linguística da notícia, informações contadas pela Polícia Militar e, também, pela Polícia Civil. Repete-se, nesse sentido, o discurso jurídico-policial que reflete a posição de poder estabelecida pelo portal.

Figura 15 - Notícia da morte de travesti não identificada - g1 Paraíba



Fonte: g1 Paraíba²⁰

Mesmo que o noticiário seja configurado em um pequeno espaço-tempo, “todo relato necessita de um fio condutor, cuja escolha implica uma visão interpretativa dos eventos que encadeia” (SINGER *apud* NAVARRO-BARBOSA, 2003, p. 115). Falta, nesse sentido, um desdobramento do fato que poderia ter acontecido através de um trabalho investigativo do jornalista. Outrossim, essa busca pelo incessante do acontecimento não aconteceu porque, ao noticiar, a história é refeita e, “no fazer da história, temos uma memória “controlada” a serviço de uma hegemonia constituída. A memória que deve permanecer petrificando a autoridade” (ASSIS, 2015, p. 63). Sendo assim, o respaldo informativo do g1 acaba por, discursivamente, não proporcionar desconstruções identitárias e, sim, reafirmar a predominância heterossexual, cisgênero, de relações bilaterais e que, portanto, são retomadas de forma positiva, ao contrário do que se coloca em relação às minorias sociais. Não é, sobretudo, rentável enquanto produto-capital.

Destarte, a maneira pela qual os discursos da Imprensa reescrevem a história está ligada a todo um jogo de quebra-cabeças, que une representações, técnicas, imagens, produzindo efeitos que vão sendo reproduzidos nos discursos. Os veículos, suportes onde as histórias são contadas, falam a partir de lugares sociais e retomam, a partir de práticas discursivas, saberes de outras épocas. Mesmo com a utilização de ideologias que se voltam para o “novo”, analisamos e identificamos como também reproduzem discursos “velhos”,

²⁰ Disponível em

<g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/04/07/travesti-e-assassinada-a-tiros-em-bayeux-na-pb.ghtml>. Acesso em 17 de outubro de 2021.

imortalizados na tessitura histórica do tradicionalismo. Apesar de os veículos levantarem bandeiras do progresso, da modernização e da desconstrução, o que vemos descortinar são valores estigmatizados nas instâncias sociais.

4.4 Doroty narrada pela Polícia: ninguém conhece?

Concluindo as análises deste trabalho, elencamos o caso Doroty, que foi morta no dia 26 de julho de 2020, no município de Caaporã, que fica no Litoral Sul da Paraíba. Segundo informações convergentes dos portais T5 e g1, obtidas pela Polícia Militar e Civil, ela estava em um bar no Conjunto Vitória, por volta das 18h, quando homens chegaram e efetuaram disparos de arma de fogo em seu corpo. Doroty morreu no local.

Figura 16 - QR Code - Notícia da morte de travesti não identificada - Portal T5



Fonte: Elaborada pelo autor

O portal T5 reúne informações em sua materialidade linguística como a idade, detalhes sobre o momento do crime (o bar não funcionava e Doroty estava com duas pessoas), que foi cometido por três homens, além do nome civil, divulgado pela Polícia após ter acesso aos seus documentos pessoais. Além disso, ela também estaria, segundo a Polícia, com entorpecentes e teria, a partir disso, envolvimento com drogas. O que nos incomoda é a ausência de questionamentos básicos, pela Imprensa, que poderiam trazer informações mais relevantes e, portanto, atribuiriam outra posição-sujeito para travestis, numa perspectiva desconstrutiva e inclusiva, sem focar no aspecto criminoso, mas em quem sofreu as consequências dele. Porém, mediante o que se informa, o sujeito-leitor:

Põe em funcionamento um tipo de compreensão mais discriminatória e organizadora que se baseia numa lógica “hierarquizada”: operações de conexão entre as diferentes partes de uma narrativa, de subordinação e de encaixe dos argumentos, de reconstrução dos diferentes tipos de raciocínio. (CHARAUDEAU, 2015, p. 113).

No entanto, essa lógica hierarquizada só acontece no interior constitutivo do discurso: a memória. É nos entremeios desta que os sentidos vão se materializando e dialogando com

os preceitos ideológicos. Por mais que não fique explícita a forma como os discursos se relacionam, os efeitos de práticas discursivas se exercem constantemente e com os discursos presentes na notícia publicada pelo T5, é possível perceber o caráter presunçoso de informações condenatórias e, por trás disso, a Formação Discursiva do sujeito-policial, que passou as informações para os jornalistas. O portal recorre somente ao aparato informacional jurídico-policial, justamente porque:

Tais fatores influem na credibilidade, produzindo efeitos diversos: efeito de evidência quando a fonte não é citada, mas com o risco de prejudicar a instância sem obter resposta; efeito de verdade e de seriedade profissional se a fonte é identificada com precisão ou se é identificada com prudência sob o modo do provisório, da espera de verificação; efeito de suspeita, se a identificação se faz de maneira vaga, anônima ou indireta. (CHARAUDEAU, 2015, p. 149)

Portanto, o que o T5 busca é causar, a partir dos enunciados, os efeitos de verdade e de responsabilidade profissional a partir da escuta e reprodução dos discursos provenientes de fontes oficiais. O sujeito-leitor, ao se deparar com esses discursos, questiona, mas não conflita, percebe equívocos, mas não faz interferências porque foi a Polícia quem deu as informações, a Imprensa “só reportou”. Também há sujeitos que, a partir dos discursos oficiais contidos nas informações jornalísticas, interpretam sentidos que, a depender da Formação Discursiva, apenas reproduzem as informações. É o caso de quem não está por dentro das peculiaridades editoriais do jornalismo, das questões mercadológicas e da relação com a historicidade, por exemplo.

Figura 17 - Notícia da morte de travesti não identificada - Portal T5



Fonte: Portal T5²¹

No caso do portal T5, com a notícia da morte de Doroty, as informações como idade,

²¹ Disponível em

<www.portalt5.com.br/noticias/single/nid/travesti-e-assassinada-a-tiros-no-litoral-sul-da-paraiba/>. Acesso em 27 de outubro de 2021.

por exemplo, geram sentidos possíveis que nos fazem projetar a imagem de alguém experiente, que sabe exatamente o que faz da vida, com quem compartilha suas intimidades. Dessa forma, a identidade travesti, formulada a partir de posições-sujeitos, transita sempre entre os discursos. É, portanto, contraditória, fragmentada e processual. Em outras palavras, o que a Imprensa provoca, ao reafirmar proposições sócio-históricas a respeito do sujeito travesti, é a (des)ordem dos discursos tradicionais de gênero e sexualidade. Derrida (1991) destaca os processos de produção de identidades a partir da linguagem, que se torna eficaz a partir de sua capacidade de reproduzir-se na ausência de quem a escreveu e até mesmo na ausência de seu suposto destinatário, conferindo-lhe um caráter de independência. É por essa razão que a Imprensa, ao enunciar discursividades, provoca concepções mutantes identitárias.

Figura 18 - Notícia da morte de travesti não identificada - Portal T5



Fonte: Portal T5

Novamente utiliza-se, em uma notícia policial sobre morte de travestis, a imagem da sirene presente na viatura policial. Como já falamos anteriormente, o sentido possível causado por esse discurso não-verbal é o “estar em alerta”, é a constante observação, ronda, fiscalização. Através do interdiscurso policial, é como se o portal se colocasse em QAP, código de enunciação utilizado por profissionais de segurança que significa “estar na escuta”, para informar a partir de um lugar de segurança, de vigilância e de atenção.

Agora entrevedo as práticas discursivas elaboradas pelo portal g1, que a partir do título da notícia já produz efeitos de sentido que convergem com as discursividades produzidas através dos enunciados do portal T5. Nos referimos, pois, à predominância de informações segundo as instituições de segurança, como policiais e o delegado que estava à frente do caso; dos detalhes com relação à cena do crime; da reafirmação da idade na primeira linha do *lead*; e do possível envolvimento de Doroty com o tráfico de drogas. São essas as similitudes encontradas entre as notícias publicadas pelos dois portais.

Dessa forma, tais convergências discursivas proporcionam estratégias de repetição, que se inserem na ordem do discurso jornalístico, com o objetivo de elucidar uma

posição-sujeito construída historicamente como “detetive, inquiridor, que aumenta sua credibilidade” (CHARAUDEAU, 2015, p. 178). Nessa perspectiva, a proposta de elucidação que ocorre a partir dos procedimentos de repetição, pretendem:

reconstituir uma sequência de fatos, seguindo relações de causa e consequência entre eles. num procedimento dedutivo²² que pressupõe conhecida a origem, o ponto de partida, e orienta a explicação segundo uma direção única sem deixar lugar para outros possíveis encadeamentos (CHARAUDEAU, 2015, p. 179)

Em contrapartida, cabe elencar também as diferenças, que é justamente o lugar de distinções e mudanças nos discursos, consequentemente a mobilização da identidade. Porém, similitudes e diferenças funcionam, nas práticas discursivas, como uma bifurcação. Elas se cruzam no interior constitutivo da memória e se inserem na mesma ordem.

Figura 19 - QR Code - Notícia da morte de travesti não identificada - g1 Paraíba



Fonte: Elaborada pelo autor

A matéria publicada pelo g1 também não possui imagens ou fotos, fator que revela a terceirização da informação, já que não estiveram no local do crime. Essa terceirização, conforme já mencionamos, acontece através dos discursos policiais sobre o acontecimento (crime). Diante de práticas discursivas que, sucessivamente, recorrem às fontes policiais, Charaudeau (2015) explica que isso ocorre porque os discursos são selecionados a partir do valor de crença, para além do conhecimento que se tem sobre o acontecimento. Isso acontece porque as crenças são sempre compartilhadas pelo grande público (sujeitos-leitores), e é essa a maior preocupação das empresas de jornalismo: audiência.

Além disso, existe uma série de discontinuidades ligadas ao posicionamento dos jornalistas, que já tratamos aqui como discursivamente busca-se atingir um ideal de “imparcialidade”. “Como se sabe, [os jornalistas] têm, no máximo, direito a um engajamento pontual (sobretudo os editorialistas diretores de publicação) que depende de uma moral social

²² Nas palavras do autor, a Imprensa utiliza pouco o procedimento indutivo que consistiria em remontar progressivamente a cadeia das causalidades. Esse procedimento é o mais adotado na observação científica e no pensamento hipotético-dedutivo do detetive, o que não corresponde ao imaginário de eficácia da Imprensa (2015, p. 179)

que se baseia em critérios de ordem humanitária” (CHARAUDEAU, 2015, p. 182). É a partir dessa interpretação que a historicidade dos sujeitos se revela como o principal componente do acontecimento discursivo. A memória é, portanto, fator crucial para a possibilidade dos efeitos de sentidos.

Figura 20 - Notícia da morte de travesti não identificada - g1 Paraíba



Fonte: g1 Paraíba²³

Após analisarmos as duas notícias e elencarmos, através da posição-sujeito, os jogos de similaridades e diferenças, identificamos que as informações não se diferenciam a ponto de causar uma instabilidade dos discursos construídos. A Identidade, nesse sentido, se conflita nas práticas discursivas que envolvem as duas notícias, do T5 e do g1, possibilitadas pela carência de informações e práticas discursivas já discutidas anteriormente.

Todavia, a própria ausência de informações reflete os não-ditos do discurso jornalístico. Isso quer dizer que não abordar outras “novas” informações pode produzir sentidos relacionados à não importância ou dedicação não merecida à pauta, porque, sócio-historicamente, o sujeito travesti foi marginalizado e até silenciado. As questões de gênero sequer eram pautadas. Dessa forma, o Jornalismo não se isenta dessa configuração. Somado-se a isso, existe um fator mercadológico e social que caracteriza, por definição, a notícia como efêmera. Segundo CHARAUDEAU:

A notícia só tem licença para aparecer nos organismos de informação enquanto estiver inscrita numa atualidade que se renova pelo acréscimo de pelo menos um elemento novo; além do mais, é preciso que esse elemento novo seja portador de uma forte carga de inesperado para evitar o que as mídias mais temem: a saturação. (CHARAUDEAU, 2015, p. 134)

²³ Disponível em

<g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/07/28/travesti-e-morta-com-pelo-menos-10-tiros-em-caapora-no-litoral-sul-da-paraiba.ghtml>. Acesso em 27 de outubro de 2021.

Foi através disso que também identificamos que não houve desdobramentos a partir de *notícias suítes* pelos dois portais, o que possibilita sentidos de desinteresse e afimco do portal com relação à tornar público o caso Doroty, bem como as investigações sobre a morte de uma travesti. Assim, entendemos que o discurso jornalístico é sempre interpelado por ponderações, que vão sendo (re)produzidas discursivamente por instituições sócio-históricas, geralmente baseadas em concepções moralistas e arcaicas. A identidade travesti, nesse sentido, funciona como um *ping-pong*, sempre indo e voltando a partir do controle exercido pelas raquetes, metaforicamente traduzidas à preconceitos, exclusões e invisibilidade social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal analisar e compreender como é (re)construída a identidade de travestis e transexuais a partir de notícias publicadas na imprensa online da Paraíba. A análise das práticas discursivas se debruçava sobre três casos: a morte de Sheila; uma travesti que sequer foi identificada; e Doroty. Observamos a maneira pela qual os portais g1, T5 e Correio, do estado da Paraíba, circunscrevem as informações, a partir de práticas discursivas interpeladas pela História, por preceitos ideológicos e, sobretudo, pela relação entre práticas discursivas e práticas não discursivas atinentes a instituições jurídicas, religiosas, médicas, entre outras.

Concordamos com Foucault (1996) quando afirma que, ao se estudar os procedimentos de controle e de delimitação dos discursos, deve-se estar atento ao dito e ao não dito, aos silêncios como partes estruturantes dos discursos. É necessário tentar identificar as diferentes maneiras de não dizer e como são distribuídos o que se pode e o que não se pode dizer.

Além disso, dialogamos com concepções acerca da identidade que revelam o caráter fluido e instável atribuídos aos sujeitos-travestis, a partir da notória interligação de elementos sociais, que conjecturam uma realidade problemática, permeada por empecilhos e dificuldades. As travestis e mulheres trans lutam diariamente por inclusão e oportunidades: serem chamadas pelos próprios nomes, oportunidades de emprego, respeito e, sobretudo, sobrevivência. É uma luta constante pela vida. Foi nessa linha de pensamento que aprofundamos, a princípio, as questões que permeiam a identidade de gênero, tão estigmatizada e alvo de preconceitos.

Todas essas dificuldades e barreiras dialogam com as práticas discursivas inseridas na imprensa. Selecionamos notícias de mortes de travesti por, de forma esperançosa, tentar encontrar desdobramentos com sensibilidade, no mínimo uma apuração minuciosa dos fatos. No entanto, nos deparamos com a banalização da morte. E isso foi ainda mais grave no sentido de travestis serem protagonistas da informação jornalística.

Desse modo, chegamos à conclusão de que a imprensa (re)produz preconceitos, mesmo que busque ocultá-los através de estratégias discursivas, é nas entrelinhas dos discursos que estão os sentidos: informações rasas, sem critérios de checagem que sequer caminham pelo lugar do jornalismo enquanto papel social.

As fontes ouvidas são, na maioria dos casos, a polícia. Isso porque o que se espera da audiência é o retorno para conquistar, nesse sentido, credibilidade. O jornalismo policial segue a ordem do discurso jurídico, descartando a pluralidade de informações, sob o crivo jornalístico. Portanto, a identidade travesti a partir das notícias de suas mortes é moldada o tempo todo a partir das visões preconizadas que estão inseridas nos quartéis policiais.

A identidade trans circula, nesse sentido, a partir do ângulo da cis-heteronormatividade, porque assim foi construída sócio-historicamente. Os paradigmas não sofrem rupturas no fazer jornalístico, ao contrário, passam por uma nova roupagem, onde se percebe a presença de várias ambiguidades, sempre intercaladas pela lógica mercadológica. A vida de travestis e mulheres trans não tem valor. São, sobretudo, produtos vencidos, com etiquetas que foram pregadas há muito tempo, em diversas instâncias sociais.

Estamos presos, nesse sentido, em um *newsmaking* enfadonho, numa espiral declaratória, mantendo a prática de um jornalismo reprodutivo, que não problematiza, não investiga, não fiscaliza e sequer denuncia. O jornalismo se tornou refém de sua própria inércia e sua relação com a audiência, pensando o mercado, se configura como o fator crucial para a construção dessa realidade.

Durante o levantamento que realizamos para este trabalho, das mortes de travestis e mulheres trans na Paraíba, vimos pouquíssimas vezes informações mais apuradas, falas de familiares ou fontes não-oficiais. As notícias tinham um *lead* e mais um ou dois parágrafos de aspas da polícia, que sempre recorriam às ligações das vítimas com tráfico de drogas, prostituição e situação de rua. Os leitores, imersos nessa realidade, estavam involuntariamente limitados a concluir que as pessoas da comunidade trans não tinham família, não trabalhavam porque não tinham profissão, eram subversivas.

Enquanto diariamente se publicavam notícias e desdobramentos (suítes) de um mesmo caso envolvendo mortes de homens ou mulheres cisgêneros, com a presença de pais, amigos, conhecidos, amantes, dando depoimentos e gerando efeitos de sentido de não silenciamento, travestis e mulheres trans caíam na descontinuidade, no esquecimento. Não havia, sobretudo, quem derramasse lágrimas por elas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2012.

BIROLI, Flávia. É assim, que assim seja: mídia, estereótipos e exercício de poder. *In*: IV ENCONTRO DA COMPOLÍTICA, 4, 2011, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UERJ, 2011, p. 1-25.

BRASIL. Secretaria Nacional de Segurança Pública. **Atuação policial na proteção dos direitos humanos de pessoas em situação de vulnerabilidade**. Cartilha. 2. ed. Brasília, (DF): Ministério da Justiça, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2015.

DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia**. Campinas, SP: Papirus, 1991.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. 3. ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **A ordem do discurso**. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 30. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2005.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

_____. AD: descrever-interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. *In*: NAVARRO-BARBOSA, Pedro. (Org.). **Estudos do Texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, p. 19-34, 2006.

GOMES, Mayra Rodrigues. **O poder no jornalismo**. São Paulo: Hacker Editores, USP, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques**: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre Identidade de Gênero:** guia técnico para formadores de opinião sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros. Brasília (DF): FBN, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis (RJ), Vozes, 2003.

MALDIDIER, Denise. Elementos para uma história da Análise do discurso na França. *In:* ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **Gestos de leitura:** da história no discurso. Campinas (SP): UNICAMP, p. 17-30, 2014.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia:** jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo, Ática, 1989.

MARIANI, Bethania Sampaio C. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). *In:* ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **Discursos Fundados:** a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes, p. 31- 43, 1993.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista:** o diálogo possível. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro Luis. O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente. *In:* GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). **Discurso e mídia:** a cultura do espetáculo. São Carlos, SP: Claraluz, p.111-124, 2003.

_____. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História. *In:* SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro. (Org.). **Foucault e os domínios da linguagem:** discurso, poder, subjetividades. São Carlos, SP: Claraluz, p.97-130, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli.; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. O estranho espelho da análise do discurso. *In:* COURTINE, Jean Jacques. **Análise do discurso político:** o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP: EDUFSCAR, p.21-26, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas (SP): EDUNICAMP, 1997.

PINTO, José Milton. **Comunicação e discurso:** introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

POSSENTI, Sírio. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. *In:* MUSSALIM, Fernanda & Bentes, Anna Christina (orgs). **Introdução à linguística:** fundamentos epistemológicos. v. 3. São Paulo: Cortez, p.353-391, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. v. 1.** Porque as notícias são como são. Florianópolis (SC): Insular, 2005.

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Discente: **Danilo Mendes de Queiroz**

Matrícula: **20170172168**

Título do Trabalho:

‘ENTRE CRIMES E CASTIGOS’: A (RE)CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA IDENTIDADE TRAVESTI EM MORTES NOTICIADAS NOS PORTAIS DE NOTÍCIAS DA PARAÍBA

Professor (a) orientador (a): **Marluce Pereira da Silva**

Declaro, a quem possa interessar, que o presente trabalho é de minha autoria e que responderei por todas as informações e dados nele contidos, ciente da definição legal de plágio e das eventuais implicações.

João Pessoa, 14 de Dezembro de 2021

Danilo Mendes de Queiroz

Assinatura do (a) discente